

A MISERIA DO MUNDO

6ª Edição



PIERRE BOURDIEU (Coord.)

EDITORA
VOZES

Cópia para Prof. Njirao

03 06 2009
(Memórias)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Miséria do mundo / sob direção de | Pierre Bourdieu; com contribuições de
A. Accardo... | et. al. | 6. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

Título original: La misère du monde.

Vários tradutores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-326-1818-4

1. Desfavorecidos socialmente – Estudo de casos 2. França – Condições sociais
3. Marginalidade social – Estudo de casos 4. Pobres – Estudo de casos I. Bourdieu,
Pierre, 1930 – II. Accardo, Alain.

97-1547

CDD – 305.569

Índices para catálogo sistemático:

1. Miséria social: Sociologia 305.569

2. Pobres: Sociologia 305.569

Autores:

Pierre Bourdieu

e

A. Accardo, G. Balazs, S. Beaud,

E. Bourdieu, P. Bourgois,

S. Broccolichi, P. Champagne, R. Christin,

J.-P. Fagueir, S. Garcia, R. Lenoir,

F. Oeuvrard, M. Pialoux, L. Pinto,

A. Sayad, C. Soulié, L. Wacquant

A MISÉRIA DO MUNDO

Tradutores:

Mateus S. Soares Azevedo

Jairne A. Clasen

Sérgio H. de Freitas Guimarães

Marcus Antunes Penchel

Guilherme J. de Freitas Teixeira

Jairo Veloso Vargas



Petrópolis

Pierre Bourdieu

Efeitos de lugar

Falar hoje de “subúrbio com problemas” ou de “gueto” é evocar, quase automaticamente, não “realidades”, aliás muito amplamente desconhecidas daqueles que falam disso de muito bom grado, mas fantasmas, alimentados de experiências emocionais suscitadas por palavras ou imagens mais ou menos não controladas, como aquelas que a imprensa sensacionalista e a propaganda ou o boato políticos veiculam. Mas, para romper com as idéias recebidas e o discurso corriqueiro, não basta, como algumas vezes se quer acreditar, “ir ver” o que existe. Efetivamente, a ilusão empirista jamais se impõe sem dúvida tanto como no caso em que, como aquele, o confronto direto com a realidade não ocorre sem algumas dificuldades, e até alguns riscos, portanto sem alguns méritos. E, não obstante, tudo leva a pensar que o essencial do que se vive e se vê *no campo*, isto é, as evidências as mais impressionantes e as experiências as mais dramáticas, encontra seus princípios completamente em outro lugar. Nada mostra melhor que os guetos americanos, esses lugares abandonados, que se definem, fundamentalmente, por uma *ausência* – essencialmente a do Estado, e de tudo o que disso decorre: a polícia, a escola, as instituições de saúde, as associações, etc.

É preciso, portanto, mais do que nunca, praticar o *pensamento para-doxal* que, dirigido ao mesmo tempo contra o bom senso e os bons sentimentos, se expõe a aparecer aos bem-pensantes dos dois lados, seja como um preconceito, inspirado pelo desejo de “causar admiração ao burguês”, seja como uma forma de indiferença insuportável relativamente à miséria dos mais carentes. Não se pode romper com as falsas evidências e com os erros inscritos no pensamento substancialista dos *lugares* a não ser com a condição de proceder a uma análise rigorosa das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico.

Espaço físico e espaço social

Considerados como corpos (e indivíduos biológicos), os seres humanos estão, do mesmo modo que as coisas, situados em um lugar (eles não são dotados da ubiquidade que lhes permitiria estarem em vários lugares ao mesmo tempo) e eles ocupam um espaço. O *lugar* pode ser definido absolutamente como o ponto do *espaço físico* onde um agente ou uma coisa se encontra situado, tem lugar existe. Quer dizer, seja como *localização*, seja, sob um ponto de vista relacional, como *posição*, como graduação em uma ordem. O *lugar* ocupado pode ser definido como a extensão, a superfície e o volume que um indivíduo ou uma coisa ocupa no espaço físico, suas dimensões, ou melhor, seu entulhamento (como as vezes se diz de um veículo ou de um móvel).

Os agentes sociais que são constituídos como tais em e pela relação com um *espaço social* (ou melhor, com campos) e também as coisas na medida em que elas são apropriadas pelos agentes, portanto constituídas como propriedades, estão situadas num lugar do espaço social que se pode caracterizar por sua posição relativa pela relação com os outros lugares (acima, abaixo, entre, etc.) e pela distância que o separa deles. Como o espaço físico é definido pela exterioridade mútua das partes, o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais.

A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo *efeito de naturalização* que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na idéia de "fronteira natural"). É o caso, por exemplo, de todas as projeções espaciais da diferença social entre os sexos (na igreja, na escola, nos lugares públicos e até em casa).

Efetivamente, o espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos *confusa*: o poder sobre o espaço que a posse do capital proporciona, sob suas diferentes espécies, se manifesta no espaço físico apropriado sob a forma de uma certa relação entre a estrutura espacial da distribuição dos agentes e a estrutura espacial da distribuição dos bens ou dos serviços, privados ou públicos. A posição de um agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado (aquele do qual se diz que está "sem eira nem beira" ou "sem residência fixa", que não tem – quase – existência social), e pela

posição relativa que suas localizações temporárias (por exemplo os lugares de *habitação*, os lugares regulados pelo protocolo) e sobretudo permanentes (endereço privado e endereço profissional) ocupam em relação às localizações de outros agentes; ela se exprime também no lugar que ocupa (no direito) no espaço através de suas propriedades (casas, apartamentos ou salas, terras para cultivar, para explorar ou para construir, etc.) que são mais ou menos embaraçosos ou, como se diz às vezes, "space consuming" (o consumo mais ou menos ostentatório do espaço é uma das formas por excelência de ostentação do poder). Uma parte da *estrutura* das estruturas do espaço social resulta do fato de que elas estão inscritas no espaço físico e que não poderia ser modificadas senão ao preço de um *trabalho de transplantação*, de uma mudança das coisas e de um desenraizamento ou de uma deportação de pessoas, as quais suporiam transformações sociais extremamente difíceis e custosas.

O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e desses serviços mais ou menos importantes (em função de seu capital e também da distância física desses bens, que depende também de seu capital). É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado.

Os diferentes campos ou, se se prefere, os diferentes espaços sociais fisicamente objetivados, tendem a se sobrepor, aos menos grosseiramente: disso resultam concentrações dos bens mais raros e de seus proprietários em certos lugares do espaço físico (5ª Avenida, rua do Faubourg Saint-Honoré) que se opõem assim, em todos os aspectos, aos lugares que agrupam principalmente e por vezes exclusivamente os mais carentes (subúrbios pobres, guetos). Esses lugares de densa concentração de propriedades positivas ou negativas (estigmas) constituem armadilhas para o analista que, aceitando-os como tais, condena-se a deixar escapar o essencial: como a Madison Avenue, a rua dos Faubourg Saint-Honoré reúne comerciantes de quadros, antiquários, casas de alta costura, de calçados, pintores, decoradores, etc., isto é, todo um leque de comércios que têm em comum ocupar posições elevadas (portanto, homólogas entre si) em seus campos respectivos e que não podem ser compreendidos no que eles têm de mais específico a não ser que os coloquemos em relação com comércios situados no mesmo campo, em posições inferiores, mas em outras regiões do espaço físico. Por exemplo, os decoradores da rua do Faubourg Saint-Honoré se opõem (e em primeiro lugar por seu nome nobre, mas também por todas as suas propriedades, natureza, qualidade e preço dos produtos em oferta, condição social da clientela, etc.) àquele que, na

rua do Faubourg Saint-Antoine, chamam-se marceneiros, como os *haïdres* que se opõem aos *coiffeurs*, os fabricantes de calçados aos sapateiros, etc., oposições que se afirmam numa verdadeira simbólica da distinção: referência à unicidade da "criação" e do "criador", invocação da antiguidade e da tradição, da nobreza do fundador e de sua atividade, sempre designada por palavras nobres, muitas vezes tomadas do inglês.

Do mesmo modo, a capital é, sem jogo de palavras, ao menos no caso da França, o lugar do capital, isto é, o lugar do espaço físico onde se encontram concentrados os pólos positivos de todos os campos e a maior parte dos agentes que ocupam essas posições dominantes: ela não pode, portanto, ser adequadamente pensada senão em relação à província (e ao "provincial") que nada mais é que a privação (totalmente relativa) da capital e do capital.

As grandes oposições sociais objetivadas no espaço físico (por exemplo, capital/província) tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutivas de um princípio de visão e de divisão, isto é, enquanto categorias de percepção e de apreciação ou de estruturas mentais (parisiense/provinciano, chique/não chique, etc.). Assim, a oposição entre a "margem esquerda" e a margem direita (do rio Sena), que os mapas e as análises estatísticas dos públicos (para os teatros) ou das características dos artistas expostos (nas galerias) mostram, está presente no espírito dos espectadores potenciais, mas também no dos autores de peças de teatro ou no dos pintores e críticos sob a forma de oposição, que opera com uma categoria de percepção e de apreciação, entre a arte refinada e a arte "burguesa" (teatro de *boulevard*).

Mais geralmente, as surdas injunções e os chamados silenciosos à ordem das estruturas do espaço físico apropriado são uma das mediações através das quais as estruturas sociais se convertem progressivamente em estruturas mentais e em sistemas de preferências. Mais precisamente, a incorporação insensível das estruturas da ordem social realiza-se, sem dúvida, para uma parte importante, através da experiência prolongada e indefinidamente repetida das distâncias espaciais nas quais se afirmam distâncias sociais, e também, mais concretamente, através dos *deslocamentos e dos movimentos do corpo* que essas estruturas sociais convertidas em estruturas espaciais e assim *naturalizadas* organizam e qualificam socialmente como ascensão ou declínio ("subir a Paris"), entrada (inclusão, cooptação, adoção) ou saída (exclusão, expulsão, excomunhão), aproximação ou distanciamento em relação a um lugar central e valorizado: penso, por exemplo, na atitude respeitosa que a grandeza e a altura provocam (as do monumento, do estrado, da tribuna ou ainda a frontalidade das obras escultóricas ou pictóricas ou, mais sutilmente, a todos os comportamentos de deferência e de reverência que a simples qualificação social do espaço (lugares de honra, de destaque, etc.) impõem tacitamente e todas as hierarquizações práticas das regiões do espaço (parte

alta/parte baixa, parte nobre/parte indigna, proscênio/bastidores, fachada/fundos de loja, lado direito/lado esquerdo, etc.).

Como o espaço social encontra-se inscrito ao mesmo tempo nas estruturas espaciais e nas estruturas mentais que são, por um lado, o produto da incorporação dessas estruturas, o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência despercebida: os espaços arquitetônicos, cujas injunções mudas dirigem-se diretamente ao corpo, obtendo dele, com a mesma segurança que a etiqueta das sociedades de corte, a reverência, o respeito que nasce do distanciamento ou, melhor, do estar longe, à distância respeitosa, são, sem dúvida, os componentes mais importantes, em razão de sua invisibilidade (para os próprios analistas, muitas vezes ligados, como os historiadores depois de Schramm, aos sinais mais visíveis do poder simbólico, cetos e coroas), da simbólica do poder e dos efeitos completamente reais do poder simbólico.

As lutas pela apropriação do espaço

O espaço ou, mais precisamente, os lugares e os locais do espaço social reificado, e os benefícios que eles proporcionam são resultados de lutas dentro dos diferentes campos). Os ganhos do espaço podem tomar a forma de *ganhos de localização*, eles mesmos susceptíveis de ser analisados em duas classes: as rendas (ditas de situação) que são associadas ao fato de estarem situadas perto de agentes e de bens raros e cobiçados (como os equipamentos educacionais, culturais ou de saúde); os *ganhos de posição ou de classe* (como os que são assegurados por um endereço prestigioso), caso particular dos ganhos simbólicos de distinção que estão ligados à posse monopolística de uma propriedade distintiva (As distâncias físicas podem ser medidas segundo uma métrica espacial, ou melhor, temporal, na medida em que os deslocamentos tomam um tempo mais ou menos longo segundo as possibilidades de acesso aos meios de transporte, públicos ou privados, o poder que o capital, sob suas diferentes formas, dá sobre o espaço é, também, ao mesmo tempo, um poder sobre o tempo). Eles podem também tomar a forma de *ganhos de ocupação* (ou de acumulação), a posse de um espaço físico (vastos parques, grandes apartamentos, etc.) podendo ser uma forma de manter à distância ou de excluir toda espécie de intrusão indesejável (são as "prazerosas perspectivas" da habitação inglesa que, como observa Raymond Williams em *Cidade e Campo*, transforma o campo e seus camponeses em paisagem, para agrado do proprietário, ou das "vistas inexpugnáveis" das publicidades imobiliárias).

A capacidade de dominar o espaço, sobretudo apropriando-se (material ou simbolicamente) de bens raros (públicos ou privados) que se encontram distribuí-

dos, depende do capital que se possui. O capital permite manter à distância as pessoas e as coisas indesejáveis ao mesmo tempo que aproximar-se de pessoas e coisas desejáveis (por causa, entre outras coisas, de sua riqueza em capital), minimizando, assim, o gasto necessário (principalmente em tempo) para apropriar-se deles: a proximidade no espaço físico permite que a proximidade no espaço social produza todos os seus efeitos facilitando ou favorecendo a acumulação de capital social e, mais precisamente, permitindo aproveitar continuamente encontros ao mesmo tempo casuais e previsíveis que garante a frequência a lugares bem frequentados (A posse de capital assegura, além disso, a quase-ubiquidade que torna possível o domínio econômico e simbólico dos meios de transporte e de comunicação – e que é muitas vezes reduplicada pelo efeito da delegação, poder de existir e agir à distância através de um preposto).

Inversamente, os que não possuem capital são mantidos à distância, seja física, seja simbolicamente, dos bens socialmente mais raros e condenados a estar ao lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros. A falta de capital intensifica a experiência da finitude: ela prende a um lugar.¹

As disputas para a apropriação do espaço podem tomar uma forma *individual: a mobilidade espacial*, intra ou intergeracional – os deslocamentos nos dois sentidos entre a capital e a província por exemplo, ou os endereços sucessivos no interior do espaço hierarquizado da capital – é um bom indicador dos sucessos ou dos reveses alcançados nessas lutas e, mais amplamente, de toda a trajetória social (sob a condição de ver que, assim como os agentes que diferem pela idade e a trajetória social, executivos jovens e de meia idade, por exemplo, podem coexistir provisoriamente nos mesmos postos, do mesmo modo eles podem se reencontrar, também muito provisoriamente, em locais de residência vizinhos).

1. Pode-se assim mostrar, reunindo em escala de cada um dos departamentos franceses, o conjunto dos dados estatísticos disponíveis sobre os índices de capital econômico, cultural ou mesmo social e sobre os bens e os serviços oferecidos em escala dessa unidade administrativa, que o essencial das diferenças regionais que se imputam muitas vezes ao efeito de determinismos geográficos podem ser referidas a *diferenças de capital* que devem sua permanência na história visando ao reforço circular que é continuamente exercido no curso da história (principalmente pelo fato que as aspirações, sobretudo em matéria de habitação e cultura, dependem, em grande parte, das possibilidades objetivamente oferecidas para sua satisfação). É somente depois de ter assinalado e medido a parte dos fenômenos observados que, aparentemente ligada ao espaço físico, reflete de fato diferenças econômicas e sociais, que se poderia esperar isolar o resíduo irredutível que deveria ser imputado em particular ao efeito da proximidade e da distância no espaço puramente físico. É o caso, por exemplo, do *efeito cinematográfico* que resulta do privilégio antropológico conferido ao presente diretamente percebido e, ao mesmo tempo, ao espaço visível e sensível dos objetos e dos agentes co-presentes (os vizinhos diretos) e que faz, por exemplo, com que hostilidades ligadas à proximidade no espaço físico (brigas de vizinhos, por exemplo) possam ocultar solidariedades associadas à posição ocupada no espaço social, nacional ou internacional, ou com que representações impostas pelo ponto de vista associado à posição ocupada no espaço social local (a aldeia, por exemplo) possam vedar apreender a posição ocupada no espaço social nacional.

O sucesso nas disputas depende do capital acumulado (sob suas diferentes espécies). De fato, as oportunidades médias de apropriação dos diferentes bens e serviços materiais ou culturais, associados a um determinado, especificam-se pelos diferentes ocupantes desse habitat segundo as capacidades de apropriação (materiais – dinheiro, meios de transporte particulares – e culturais) que cada um detém como propriedade. Pode-se ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo propriamente falando se não se dispõem dos meios tacitamente exigidos, a começar por um certo hábito.

Se o habitat contribui para fazer o hábito, o hábito contribui também para fazer o habitat através dos costumes sociais mais ou menos adequados que ele estimula a fazer. Vê-se, assim, inclinado a pôr em dúvida a crença de que a aproximação espacial de agentes muito distantes no espaço social pode, por si mesma, ter um efeito de aproximação social: de fato, nada é mais intolerável que a proximidade física (vivenciada como promiscuidade) de pessoas socialmente distantes.

Entre todas as propriedades que a ocupação legítima de um lugar supõe, estão, e não são as menos determinantes, as que não se adquirem senão pela ocupação prolongada desse lugar e a frequência seguida de seus ocupantes legítimos: é o caso, evidentemente, do capital social de *relações* ou *ligações* (e muito particularmente dessas ligações privilegiadas que são as amizades de infância ou de adolescência) ou de todos os aspectos mais sutis do capital cultural e linguístico, como os modos corporais e a pronúncia (o sotaque), etc. São traços que conferem todo o seu peso ao *lugar do nascimento* (e, em menor grau, ao lugar de residência).

Sob pena de se sentirem *deslocados*, os que penetram em um espaço devem cumprir as condições que ele exige tacitamente de seus ocupantes. Pode ser a posse de um certo capital cultural, cuja ausência pode impedir a apropriação real dos bens ditos públicos ou a própria intenção de se apropriar deles. Pensa-se evidentemente nos museus, mas isso vale também para os serviços que são tidos espontaneamente como os mais universalmente necessários, como os das instituições médicas ou jurídicas. Tem-se a Paris do capital econômico, mas também do capital cultural e do capital social (não basta entrar em Beaubourg para se apropriar do museu de arte moderna). De fato, certos espaços, e em particular os mais fechados, os mais “seletos”, exigem não somente capital econômico e capital cultural, como também capital social. Eles proporcionam capital social e capital simbólico, pelo *efeito de clube* que resulta da associação durável (nos bairros chiques ou nas residências de luxo) de pessoas e de coisas que, sendo diferentes da grande maioria, têm em comum não serem comuns, isto é, na medida em que elas excluem, em direito (por uma forma de *numerus clausus* ou de fato o intruso está fadado a provar um sentimento de exclusão capaz de privá-lo de certas rega-

lias associadas à pertença), todos os que não apresentam todas as propriedades desejadas ou que apresentam uma (pelo menos) das propriedades indesejáveis.

O bairro chique, como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, permitindo-lhe participar do capital acumulado pelo conjunto dos residentes: ao contrário, o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua comum excomunhão. A reunião num mesmo lugar de uma população homogênea na despossessão tem também como efeito redobrar a despossessão, principalmente em matéria de cultura e de prática cultural: as pressões exercidas, em escala da classe ou do estabelecimento escolar ou em escala do conjunto habitacional pelos mais carentes ou os mais afastados das exigências constitutivas da existência "normal" produzem um efeito de atração, para baixo, portanto de nivelamento, e não deixam outra saída que a fuga (na maioria das vezes interdita pela falta de recursos) para outros lugares.

As lutas pelo espaço podem também assumir formas mais *coletivas*, como é o caso daquelas que se desenrolam a nível nacional em torno das políticas de habitação, ou daquelas que ocorrem a nível local, a propósito da construção e da distribuição de moradias sociais ou das escolhas em matéria de equipamentos públicos. Os mais decisivos têm como aposta última a política do Estado que detém um imenso poder sobre o espaço através da capacidade que ele tem de fazer o mercado do solo, da moradia e também, para uma grande parte, do trabalho e da escola. Assim, no confronto e nos ajustamentos entre os altos funcionários do Estado, eles próprios divididos, os membros dos grupos financeiros, diretamente interessados no mercado de crédito imobiliário, e os representantes das coletividades locais e das repartições públicas, foi sendo elaborada a política da habitação, que, principalmente através do sistema fiscal e das ajudas à construção, operou uma verdadeira *construção política do espaço*: na medida em que ela favoreceu a *construção de grupos homogêneos em base espacial*, esta política é, para uma grande parte, responsável pelo que se pode observar diretamente nos grandes conjuntos degradados ou nos bairros tornados desertos pelo Estado.

Loïc J.D. Wacquant

Da América como utopia às avessas

A década de 80 terá sido marcada não somente pela escalada das desigualdades urbanas, da xenofobia e dos movimentos de protesto dos jovens dos "subúrbios" populares,¹ mas também pela proliferação de um discurso de um novo tipo em torno do tema da "guetização" que sugere uma convergência súbita entre os bairros desertados das cidades francesas e das cidades americanas. A temática do gueto, alimentada por clichês importados de Além-Atlântico (Chicago, Bronx, Harlem...), impôs-se como um dos lugares comuns do debate público sobre a cidade.

Não valeria a pena ficar nesse discurso amplamente fantasmático² se não houvesse conseqüências nefastas. Apelando para o sensacionalismo, usando imagens exóticas *made in USA* tão surpreendentes quanto delicadas e invocando, por qualquer motivo e sem medidas, o espectro da "síndrome americana", os profetas da desgraça opuseram obstáculo a uma análise rigorosa das causas reais da decomposição da classe operária francesa e da profunda perturbação de populações cujos instrumentos tradicionais de reprodução e de representação coletivas tomaram-se obsoletos pelas recentes transformações do mercado de trabalho e do campo político. Eles, em seguida, alimentaram – se bem que de má vontade – a espiral da estigmatização que faz dos grandes conjuntos populares tantos lugares malditos, sinônimos de indignidade social e de relegação cívica. Eles têm, assim, agravado o peso da dominação simbólica que os habitantes desses conjuntos habitacionais devem hoje sofrer *além* de sua exclusão socioeconômica.³

1 Adil Jazouli, *Les années banlieue*, Paris, Seuil, 1992.

2 Uma vez vulgarizado, o conceito pode aplicar-se a todo coletivo vagamente definido para fins de dramatização: assim o "gueto estudantil", o "gueto da terceira idade", o "gueto homossexual", etc. (Hervé Vieillard-Baron, "Le ghetto: approches conceptuelles et représentations communes", *Annales de la recherche urbaine*, 49 (1991) 13-22).

3 Loïc J.D. Wacquant, "Urban Outcasts: Stigma and Division in the Black American Ghetto and the Franch Urban Periphery", *International Journal of Urban and Regional Research*, número especial sobre "Les nouvelles pauvretés", 1993; e Christian Bachmann et Luc Basier, *Mise en images d'une banlieue ordinaire*, Paris, Syros, 1989.

Enfim, e paradoxalmente, a temática do gueto empanou as lições que se podem tirar de um uso racional da comparação transatlântica, que não consiste em procurar similaridades ou convergências entre subúrbio francês e gueto americano, duas constelações sócio-espaciais profundamente heterogêneas em sua estrutura, em sua trajetória e sua dinâmica.⁴ A comparação histórica e sociológica mostra que, se gueto e subúrbio têm em comum ser, cada um em sua ordem nacional respectiva, zonas de relegação situadas no mais baixo da hierarquia urbana, eles não diferem menos em sua composição social, sua textura institucional, sua função no sistema metropolitano, e sobretudo pelos mecanismos e os princípios de segregação e de agregação dos quais eles são o produto. Com presteza e para simplificar, a exclusão se opera prioritariamente sobre uma base racial várias vezes centenária tolerada ou reforçada pelo Estado e pela ideologia nacional, no que concerne aos americanos, essencialmente a partir de critérios de classe em parte atenuados pelas políticas públicas, no que concerne aos franceses. De sorte que, ao contrário desses *Bantoustans* urbanos que são os grandes guetos americanos, os "subúrbios" degradados do hexágono não são conjuntos sociais homogêneos, apoiados em uma divisão racional dualista aprovada pelo Estado, e dotados de uma autonomia institucional e de uma divisão do trabalho avançadas, sustentando uma identidade cultural unitária.

Em compensação, é muito útil servir-se do *dark Ghetto* da América como de uma espécie de projeto sociológico que permite fazer-se uma idéia realista dos efeitos que poderia produzir com o tempo a radicalização de certos processos de dualização hoje em germe nos bairros deserdados do hexágono. À maneira de um espelho que deforma e aumenta ao mesmo tempo, o gueto americano nos oferece o espetáculo do tipo de relações sociais susceptíveis de desenvolver quando o Estado abandona sua missão primeira, que é a de sustentar a infra-estrutura organizacional indispensável ao funcionamento de toda sociedade urbana complexa. Adotando uma política de erosão sistemática das instituições públicas, o Estado abandona às forças do mercado e à lógica do "cada um por si"⁵ camadas inteiras da sociedade, em especial aquelas que, privadas de todos os recursos, econômico, cultural ou político, dependem completamente dele para chegar ao exercício efetivo da cidadania.

4. Para uma análise mais detalhada, reportar-se a Loïc J.D. Wacquant, "Pour en finir avec le mythe des 'cités ghettos': les différences entre la France et les États-Unis", *Annales de la recherche urbaine* 52 (1992) 20-30, et idem, "Banlieues françaises et ghetto noir américain: éléments de comparaison sociologique", in Michel Wieviorka (ed.), *Racisme et modernité*, Paris, Éditions La Découverte, 1993, p. 265-279.

5. Quer dizer, às relações de força mais favoráveis aos mais fortes. Pois se, como mostram os trabalhos os mais avançados da sociologia econômica, o mercado é uma ficção social, é também uma ficção interessada em todos os que não têm um interesse igual e cujas consequências econômicas e sociais são muito reais.

Depois de seu apogeu nos anos 50, o gueto negro americano conheceu uma degradação brutal e generalizada. O êxodo ininterrupto de seus moradores, a deterioração acelerada dos prédios e do quadro de vida marcam essa evolução. Ela se traduz também pelo crescimento muito rápido do desemprego, da criminalidade violenta e de todos os sintomas mórbidos e comportamentos patogênicos (alcooolismo, toxicomania, suicídio, doenças cardiovasculares e mentais, etc.) comumente associados à grande miséria e à desmoralização coletiva e individual. Além do mais, a administração dessa população condenada a uma forma de exílio interior acarreta custos crescentes para metrópoles cujos recursos fiscais vão diminuindo à medida que as famílias brancas e os casais abastados mudam-se para se refugiarem nos bairros residenciais fora dos centros.

O debate recente, tanto científico quanto político, em torno da questão tem, alternadamente, privilegiado, como causas maiores da deterioração continuada os enclaves segregados da *inner city*, o racismo, a "cultura da pobreza" ou a assim chamada depravação moral do subproletariado negro, os efeitos perversos dos supostos programas de ajuda social, enfim a fuga da classe média negra e a desindustrialização. Todavia, é a *política urbana do abandono concertado* desses bairros pelo Estado americano a partir dos anos 60 que melhor explica o caráter cumulativo e auto-alimentado do processo de deslocação social incriminada. Solapando os programas públicos indispensáveis ao funcionamento de suas instituições e diminuindo drasticamente os recursos alocados para sustento de seus moradores,⁶ a política de desengajamento urbano e social do governo americano provocou uma *desestruturação sistemática* do gueto que se tornou um verdadeiro purgatório urbano.

A atenção despertada pela mídia para a explosão de fúria que incendiou Los Angeles, em maio de 1992, em seguida à absolvição dos policiais brancos incriminados no episódio Rodney King, não deve ocultar as *rebeliões silenciosas da vida de todos os dias* que fazem do gueto negro um campo de batalha perpétua para a segurança e a sobrevivência. Menos espetaculares que as grandes conflagrações, não são menos destrutivas. Enquanto o sentimento de insegurança que impregna os HLM do subúrbio francês encontra sua fonte principal na pequena delinquência juvenil, o clima de tensão que pesa sobre o gueto americano se enraíza na realidade dos assassinatos, violações e agressões cujo perigo está onipresente.

Em 1988, os 32 juízes da corte penal do Condado de Cook, que cobre os três milhões de habitantes da cidade de Chicago, julgaram 56.204 processos, dos

6. Fred Block, Richard A. Cloward, Barbara Ehrenreich et Frances Fox Piven, *The Means Season: The Attack on the Welfare State*, New York, Pantheon, 1987, e Michael B. Katz, *The Underserving Poor: From the War on Poverty to the War on Welfare*, New York, Random, 1989.

quais 3.647 casos de agressões e ferimentos graves e 8.419 violações, 1.584 roubos à mão armada, 2.569 incidentes de "violências caracterizados com arma" e 2.009 homicídios voluntários. A maior parte desses crimes foram praticados nos bairros negros do gueto por seus habitantes, mas também e sobretudo, contra eles. Um ex-líder da gangue dos Black Gangsters Disciples a quem perguntei por que ele examinava sempre com atenção os acessos de seu prédio antes de entrar ou de sair explica: "É preciso estar sempre vigilante, Louie, neste bairro. Nunca baixo sua guarda, sabe por quê? É a lei da selva, Louie: ou você morde ou é mordido (*bite or be bitten*). Eu fiz minha escolha há muito tempo: não serei mordido, certamente, por ninguém. E você, o que é que você escolheu?"

De fato, as agressões com armas de fogo são moeda corrente nas grandes aglomerações dos South Side onde pululam as gangues, ao ponto de mães de família ensinarem a seus filhos mais novos a se jogarem ao solo para se protegerem de balas perdidas e gastam seus magros vencimentos para lhes pagar, mensalmente, um seguro-de-vida. Durante os meses de verão, não é raro registrar entre cinco e dez assassinatos por fim-de-semana, muitas vezes por ocasião de *drive-by shootings* (tiros de armas de fogo a partir de um carro em movimento). É verdade que não é nada difícil adquirir um revólver, de venda livre na rua pelo preço "oficial" de 300 dólares por uma arma "limpa" e metade, ou menos, para um calibre já usado. "Aqui é como um território esquecido", comenta um policial da brigada de intervenção de Wentworth, no coração do gueto sul da cidade. A delegacia dispõe, com efeito, em média de um agente para 277 crimes graves praticados, ou seja, seis vezes menos que o distrito branco e burguês do Near North Side, onde está o famoso bairro da *Gold Coast* que desfruta, além disso, da proteção próxima de polícias particulares com muitos efetivos. Os policiais de Wentworth responderam a chamadas urgentes sem cessar do princípio ao fim de seu turno de trabalho. O que não impede de ficarem sem atendimento numerosas chamadas de ajuda, já que todo o pessoal disponível já está empenhado.⁷

Essa violência endêmica obriga os moradores do gueto a limitar severamente suas saídas e a planejar seus deslocamentos para minimizar o tempo passado na rua e evitar, na medida do possível, transportes coletivos e lugares públicos. Não que se esteja em segurança trancafiado na própria casa. O mesmo policial de Wentworth nota: "Se há um incêndio, eles não podem nem mesmo sair de seu apartamento, de tal modo eles se fecham com trancas e grades, e eles têm muito medo de sair à rua". Não há, nem nos estabelecimentos escolares, quem seja capaz de garantir a integridade física de seus alunos e professores, a despeito da utilização de detectores de metais e da prática das revistas corporais nos edifícios

A morte de estudantes abatidos ou apunhalados por um de seus colegas no perímetro de sua escola faz periodicamente a manchete de jornais locais sem por isso suscitar outras reações políticas a não ser a expressão contrita de uma compaixão meramente simbólica. Não é raro que as famílias do gueto mandem seus filhos para casas de parentes dos Estados do Sul ou das cidades vizinhas para garantir que terminem a escola vivos.

Cada um deve, pois, a todo momento, estar preparado para se defender, a si e aos seus, com seus próprios meios. Além de ela própria ser temida por seus métodos violentos, a polícia é notoriamente incapaz de proteger os que se queixam das represálias que as gangues poderiam praticar contra eles ou contra seus parentes. Eventualidade mais provável ainda porque, estando os presídios superlotados, numerosos criminosos e delinquentes nem bem estão presos e logo tem de ficar em liberdade por falta de lugar. O presídio do Condado de Cook, um antigo prédio construído em 1929 para acolher 1.200 detentos, abriga hoje perto de 8.000, dos quais quase mil são obrigados a dormir em colchões no chão. Durante um único ano, o de 1988, as autoridades penitenciárias tiveram de relaxar a prisão de 25.000 indiciados por causa de superpopulação. Compreende-se facilmente, nessas condições, que os moradores do gueto hesitem em apelar para os representantes da lei. Como diz a canção do grupo de "rap" Public Enemy: "911 Is A Joke" (Socorro policial é brincadeira).

A criminalidade endêmica, responsável pelo quase desaparecimento do espaço público dentro do gueto, está estreitamente ligada à desagregação da economia local. Já em 1968, o relatório da Comissão Kerner, encarregada pelo Presidente Johnson de diagnosticar as causas da onda de motins raciais que estava agitando mais de uma centena de metrópoles americanas, sublinhava com preocupação que "o movimento de retirada de capitais privados está já consideravelmente avançado na maioria das zonas segregadas de nossas grandes cidades".⁸ Vinte anos depois, esse processo está finalizado: o enxugamento dos investimentos e dos estímulos do Estado e a perda de milhares de empregos manuais devido às reestruturações industriais têm virtualmente esvaziado o gueto de toda atividade comercial. Testemunha é a decadência da rua 63, no bairro de Woodlawn, que foi uma das artérias comerciais mais animadas de Chicago do pós-guerra. Hoje é uma pacata sucessão de prédios em ruína, de lotes vagos entulhados de lixo e de lojas incendiadas, cujos arcabouços apodrecem de pé à sombra da linha do trem aéreo. Em 1950, Woodlawn contava perto de 700 estabelecimentos industriais e comerciais e não havia um ponto ou um lote vago; os negócios estavam tão prósperos

7. "849 Homicides Place 1990 in a Sad Record Book", *Chicago Tribune*, 2 de janeiro de 1991.

8. *The Kerner Report: The 1968 Report of the National Advisory Commission on Civil Disorders*, New York, Pantheon, 1989 (1ª ed. 1968), p. 399.

que o bairro havia recebido o apelido lisonjeiro de *Miracle mile*, o "Quilômetro milagroso". Hoje, o milagre, para uma pequena centena de estabelecimentos comerciais restantes, consiste em evitar, a custo, a falência.

Ao contrário da metrópole, cuja composição socioprofissional é levada a se complexificar com a passagem à economia de serviços, a estrutura social do gueto de Chicago transformou-se no sentido de uma maior homogeneidade em razão da agravação ininterrupta do desemprego e do subemprego. Em 1950, mais da metade dos adultos residentes no centro do South Side exercia um trabalho assalariado e o gueto ostentava uma taxa de atividade pouco inferior à da cidade em seu conjunto. Em 1980, quase três adultos em quatro estavam desempregados. Em três décadas, o número de operários caiu de 35.800 para menos de 5.000 e os efetivos de "colarinho branco" (empregados do comércio e de escritórios, executivos e profissões intermediárias e liberais) diminuíram pela metade, passando de uns 15.300 para menos de 7.400, enquanto, paralelamente, a categoria da classe média negra multiplicava-se por cinco na Grande Chicago. No coração do "Cinturão negro", mais de seis residentes em dez dependem hoje da ajuda social para sua sobrevivência e quatro em dez cresceram no seio de uma família assistida.

Confrontados com a derrocada do mercado de trabalho assalariado e a insuficiência gritante da ajuda social, os moradores do gueto não têm, freqüentemente, outra escolha para subsistir que voltar-se para a economia informal da rua, e especialmente para o seu setor mais dinâmico: o comércio da droga. Depois que as três principais gangues que controlam as redes de distribuição no seio do *inner city*, Vice Lords, Disciples e El Rukns, lançaram-se na revenda do *crack* e de seus derivados, o preço da cocaína em Chicago caiu de 55.000 para 17.000 dólares o quilo. Se bem que hoje se possa obter uma trouxinha de pó pela módica quantia de dez dólares. Atingindo uma clientela de massa, o tráfico de drogas tornou-se uma verdadeira indústria, abarcando um volume de negócios que manipula centenas de milhões de dólares cada ano; dotada de uma divisão elaborada do trabalho, ela constitui, no momento, a principal fonte de emprego acessível aos jovens do gueto rejeitados pela escola e pela economia legal. Os riscos que correm são certamente elevados mas, além de se poder trabalhar nisso bem jovem (antes mesmo dos dez anos), as qualificações requeridas são mínimas, os horários flexíveis e a remuneração muito vantajosa em relação ao setor assalariado anêmico.

O crescimento vigoroso desta forma de "capitalismo de pilhagem" (Weber), do qual o tráfico de drogas representa a ponta de lança, é uma das principais causas do pandemônio de violência que aflige o gueto. Do lado do consumo, o furto e a criminalidade de rua são, de fato, o meio mais direto de que dispõem os toxicômanos para conseguirem sua dose diária. Do lado da distribuição, o recurso periódico à força física é um *sine qua non* desse tipo de atividade comercial, uma ferramenta de gestão e regularização das transações sem o qual nenhum nego-

ciante pode passar sob pena de ser liquidado por seus rivais.⁹ De qualquer modo, a expansão espetacular do comércio de drogas não é senão o sintoma mais visível de uma espécie de *terceiro-mundialização da economia do gueto*. Os indícios mais perceptíveis são a generalização do artesanato ilegal e do trabalho por dia; a multiplicação dos pequenos "ofícios" subproletariantes (catador de papel, camelô, apanhador de latas de cerveja e refrigerante, revendedor de jornais avulsos, guardador de carro, carregador); o ressurgimento das *sweat-shops*, do trabalho a domicílio ou pago por empreitada, e o florescimento de um leque de tráficos mais ou menos legais – venda do próprio sangue, prostituição, agiotagem (chamada *loan-sharking*), venda de tickets-refeição ou de certificados de ajuda médica, etc.

O recuo da economia comercial e a deterioração generalizada das condições de vida no gueto atingiram um nível tal que o setor público não consegue mais retomar sua função mínima de fornecimento de bens coletivos, segurança, moradia, saúde, educação, justiça. Pior, não tendo mais como clientela senão as camadas marginalizadas do proletariado negro, os serviços públicos podem ser reconvertidos em instrumentos de vigilância e de polícia de uma população que daqui para a frente deve ser manter-se nos enclaves degradados que lhe são demarcados. Longe de contribuir para atenuar as desigualdades que pesam sobre eles, tendem a acentuar o isolamento e a estigmatização de seus usuários, ao ponto de operar uma verdadeira separação de fato do gueto com relação ao resto da sociedade. De instrumento de luta contra a pobreza, a força pública se transforma em máquina de guerra contra os pobres.

Tendo perdido o controle dessa parte de seu território, o Estado administra muito mal as instituições das quais ele estava incumbido. Assim, o habitat social: a *Chicago Housing Authority*, que administra o parque de moradias públicas da cidade (cuja maioria esmagadora está situada no seio do gueto), é incapaz de produzir uma lista dos apartamentos habitáveis de que dispõe. Além de seus 200.000 moradores oficiais, a CHA reconhece abrigar, contra a vontade, entre 60.000 e 100.000 moradores ilegais, a despeito das grandes listas de espera de 60.000 famílias. Certos conjuntos têm até duas vezes mais moradores oficiais do que de locatários que constam dos contratos de aluguel. Em 1989, o novo diretor da CHA tinha engendrado um ambicioso programa de "limpeza" dos grandes conjuntos do South Side para acabar com os invasores e as gangues. Mas as "batidas policiais" (*sweeps*), planejadas em grande segredo, foram divulgadas; depois de ter recebido muitas ameaças de morte, ele renunciou.

9. A. Hamid, "The Political Economy of Crack-Related Violence", *contemporary Drug Problems*, 17, 1989, p. 31-78.

Os serviços sociais da cidade tiveram que se retirar do centro do gueto em razão de sua periculosidade. As assistentes sociais lotadas na zona de Wentworth recusaram-se a visitar seus "clientes" em casa e se contentam em convocá-los a seus escritórios do centro da cidade uma vez a cada seis meses. Os cheques de ajuda social não são mais distribuídos pelo correio mas remetidos diretamente a seus destinatários por intermédio das *Currency exchanges* (escritórios particulares que desempenham o papel de escritório financeiro e administrativo dentro do gueto) a fim de diminuir os roubos por arrombamentos de caixas de correio e tráfico de cartas de *welfare*. De qualquer modo, a organização dos serviços sociais visa menos levar assistência às famílias na pobreza que a minimizar o número dos que têm direito a fim de reduzir despesas sociais consideradas intoleráveis pelo eleitorado branco majoritário. A prova é que o escritório de ajuda pública de Chicago multiplica os controles minuciosos e os procedimentos burocráticos; ele destina parte do orçamento à espionagem dos assistidos com o fim de "agarrar" eventuais fraudadores. Números verdes para as denúncias anônimas, apelos à delação nos jornais, pagamento a informantes encarregados de vigilância de perto, visitas de surpresa às casas de suspeitos: todos os meios são válidos para emagrecer os efetivos de recipiendários de benefícios. A situação chegou a tal ponto que os moradores do gueto não hesitam em comparar os serviços sociais ao KGB.

É, todavia, a escola que simboliza melhor a pauperização avançada do setor público no seio do *inner city*. Abandonado pelos brancos e pelas classes média e superior como se foge de um navio que faz água, o sistema educacional de Chicago tornou-se uma espécie de "reserva escolar" onde as crianças do gueto são confinadas pela falta de outra opção. Seus efetivos provêm essencialmente de famílias negras e latinas (85%) que vivem aquém do patamar oficial de pobreza (70%). Um quarto apenas dos estudantes alcança o segundo grau escolar no tempo certo (se bem que não haja nenhum exame intermediário entre as séries) e a esmagadora maioria é orientada para os cursos profissionais que são meros desvios. O nível escolar é tão baixo que um aluno pode concluir seu curso na escola Martin Luther King sem ser capaz de escrever uma frase completa ou resolver problemas de frações elementares. É verdade que a academia de Chicago não dispende, por aluno, mais que a metade dos recursos de que dispõem as escolas públicas das cidades-satélite dos subúrbios abastados; donde a penúria crônica de professores, de salas e de móveis, com a qual se debatem os estabelecimentos de ensino do gueto. Nenhum dos últimos cinco prefeitos de Chicago matriculou seus filhos em escola pública. Nem o diretor e uma boa metade do corpo docente. Como reconhece este vereador: "é preciso ter perdido a cabeça para alguém matricular seus filhos na escola pública!"¹⁰ A longo prazo, o abandono das institui-

ções públicas conduz à *desertificação organizacional* do gueto pois ela condena as instituições indígenas e as organizações privadas que delas dependem a uma extinção lenta. É o caso do catastrófico bairro West Side, forte de cerca de 61.000 moradores, dos quais a metade vive aquém do patamar federal de pobreza, que uma de suas moradores compara a "um buraco negro": "Ela podia enumerar facilmente o que faltava. Não havia banco somente *Currency exchanges* que cobram uma comissão, podendo atingir oito dólares para cada cheque de ajuda social sacado em espécie. Não havia biblioteca pública, nem cinema, nem pista de patinação, nem manchas de bolacha para os jovens do bairro se distraírem. Para os doentes, apenas duas clínicas (...), ambas a beira da falência e que deveriam fechar as portas em fins de 1989. No entanto a taxa de mortalidade infantil excedia as taxas de inúmeros países do Terceiro Mundo tais como Chile, Costa Rica, Cuba, e Turquia. E não havia centro de desintoxicação, se bem que a toxicomania fosse baixa".¹¹

O definhamento dos serviços públicos é tão gritante na zona do gueto que, depois de o ter visitado em 1982, Madre Teresa designou duas freiras de sua Missão de Caridade na cidade de Henry Horner para criarem um abrigo para mulheres e crianças sem abrigo, uma creche e um sopão popular. No total, a política de abandono urbano do governo americano nivelou as instituições públicas do gueto, suposto pedestal da integração na sociedade, à categoria de instrumentos de segregação. E o pouco do Estado que subsiste em seu seio atua no sentido de reforço das exclusões das quais o gueto é o produto.

A França não é a América. Os conjuntos habitacionais dos subúrbios em declínio não são guetos no sentido que essa noção tem no contexto americano. A decomposição dos territórios operários do hexágono obedece a uma lógica que lhes é própria, de acordo com sua história e as regras de um quadro institucional e estatal muito diferentes. A discriminação, a violência, a pobreza e o isolamento social estão muito longe de atingir a mesma intensidade e a mesma extensão que na *inner city* americana. Não é menos verdade que, além das diferenças flagrantes de níveis e de estrutura, a *tendência* da evolução das desigualdades urbanas na França na última década tende a criar as condições propícias, a longo prazo, para uma reaproximação. E se, em sua miopia tecnocrática e sua fixação fascinada sobre o desempenho financeiro a curto prazo, as elites dirigentes do hexágono, tanto de esquerda como de direita, devessem persistir na política neoliberal do rebaixamento do setor público e da "mercantilização" servil das relações sociais que foi a sua desde a segunda metade dos anos 70, não se deve excluir o pior: a utopia negativa, longínqua e assustadora,¹² poderia tornar-se realidade.

11. Alex Kotlowitz, *There Are Children Here*, New York, Doubleday, 1991, p.12.

12. Encontrar-se-á um retrato surpreendente dessa "utopia negativa" que se tornou a megalópole polarizada da América na magnífica obra de Mike Davis, *City of Quartz: Excavating the Future in Los Angeles*, Londres, Verso, 1990, fotos de Robert Morrow.

10. Jonathan Kozol, *Savage Inequalities: children in America's School*, New York, Crown Books, 1991, p. 53.

DECADÊNCIAS

Michel Pialoux, Stéphane Beaud

Permanentes e temporários

Setembro de 1989: já se prolonga, por vários dias, a greve na fábrica Peugeot, na cidade de Sochaux. Primeiros desfiles na fábrica de carroceria. Algumas centenas de grevistas, OS, aos quais se juntaram um punhado de profissionais, desfilam nas imensas fábricas de carroceria em volta das linhas de montagem (sobre as quais acabava de ser fabricado o novo modelo 605, cujo lançamento tinha sido feito no início do mês). Tende a se instalar uma espécie de ritual. Em cada dia, as coisas se passam mais ou menos da mesma forma. Após as AG, realizadas no espaço que fica por baixo da passarela no acabamento, os operários desfilam, gritam, assoviam e lançam em altos brados palavras de ordem e slogans. Ocupam toda a largura dos corredores que rodeiam as cadeias de montagem e avançam com os delegados à frente.

A fábrica de carroceria constitui o campo de uma batalha sobre o número de grevistas e os efeitos da greve. Com a intenção de entravar o movimento e impedir que este se propague aos não-grevistas e outros operários do grupo Peugeot – e também para provar aos operadores financeiros que a situação está sob controle – a direção afirma que o funcionamento das esteiras de montagem não está de modo algum afetado e que a maior parte dos carros estão sendo fabricados normalmente. Por sua vez, os grevistas convidaram os jornalistas para penetrar nas oficinas e constatar, *de visu*, que a atividade de produção estava, em larga medida, paralisada pela greve. De fato, um bom número de operações não estavam sendo realizadas ou estavam sendo mal feitas: todos os carros deveriam ser revisados mais tarde.

O sentido dos desfiles é múltiplo: bloquear a produção, manter o moral da aqueles que já estão em greve e, simultaneamente, impelir outros operários a aderir ao movimento. Os grevistas avançam lentamente. Em determinados momentos, formam um bloco compacto, homogêneo. Em outros momentos, o cortejo estira-se, dispersa-se. À frente, vêm, quase sempre, os militantes mais aguerridos, os delegados, por vezes, ostentando megafones. Os outros seguem em desordem. Conversam entre si, a felicidade é legível em seus rostos. Parece que todos estão felizes por serem tão numerosos, voltam a falar da greve de 1981. Há muito barulho, mas nenhuma degradação. Por vezes, para fazer mais barulho, alguns batem, compassadamente, nos armários metálicos.

Ao longo das linhas de montagem, desenrola-se “um cordão” de executivos, técnicos, empregados, contramestres – muitas vezes, idosos, de casaco e gravata, alguns jovens engenheiros, e os novos e numerosos especialistas em informática – os BTS – parecem estar perdidos, mas evitou-se colocá-los em contato com os grevistas. Estão aí, diante das esteiras de montagem, para impedir a deterioração da “ferramenta de produção”; entre eles, um oficial de justiça. A dois metros uns dos outros, olham a “passagem” do cortejo, evitam cruzar o olhar com os grevistas. Alguns olham para seus pés, outros voltam a cabeça ostensivamente para a direita ou para a esquerda. O momento é difícil. Muitas vezes, há grevistas que, continuando a avançar, interpelam um ou outro desses vigilantes; outras vezes, trava-se um diálogo. Mas compreende-se rapidamente que esses executivos (esses “inocentes úteis”, termo pelo qual, muitas vezes, são designados na fábrica e que é uma palavra do vocabulário dos anos 70) receberam como instrução não responder às piadas e “provocações”.

O clima está carregado de tensão. A mínima alteração poderá estourar e se azedar, sem que ninguém possa saber como irá terminar. Quando o cortejo se aproxima da esteira de montagem nº quatro – é nela que os não-grevistas continuam a trabalhar; aliás, a direção faz questão de mostrar que está funcionando – a tensão sobe: as filas apertam-se, as injúrias tornam-se mais violentas, os megafones são colocados a algumas dezenas de centímetros do rosto das pessoas que formam o cordão. Em várias ocasiões, há empurrões e, em ambos os lados, é feito um esforço para baixar o tom.

De fato, em volta dessa esteira, a situação é estranha. Entre os operários que trabalham, alguns, já idosos, cumprem sua tarefa sem comentários, levantando de tempos a tempos a cabeça para responder aos insultos ou piadas, assumindo sua posição de não-grevistas; outros, mostram bem que não estão à vontade. Parece que alguns, incomodados, deixam seu posto no momento da chegada do cortejo, com o acordo dos chefes. Percebe-se que vão voltar depois da passagem do cortejo. Mas outros permanecem por perto, um pouco afastados, sorridentes, dando a impressão de viver a situação sem qualquer paixão. São os “jovens”, os tempo-

rários. É como se estivessem fora do conflito. Por vezes, descansam por um instante suas ferramentas, fazem um pequeno sinal de convívio, dão uma piscadela em direção dos grevistas e depois recomeçam o trabalho. Ao passar à sua frente, os grevistas evitam gritar insultos, mas fazem pequenos sinais com a mão, dirigindo-lhes palavras amigáveis. Ainda não são conhecidos pessoalmente, ninguém os interpela pelo nome. São tomados em bloco, globalmente (são os “temporários”). E todo o mundo parece achar isso natural. Alguns desses temporários colocaram ao lado deles um cartaz de papelão, ou mais exatamente um pedaço de papelão sobre o qual rabiscaram a palavra “temporário”, mas sua juventude seria suficiente para serem reconhecidos como tal. Essa palavra constitui uma espécie de escudo protetor. É claro que não se pode esperar deles o que seria exigido dos outros (nas oficinas, vai circular rapidamente a anedota segundo a qual “alguns caxias”, para escapar aos insultos, se fazem passar por temporários). No fundo, durante a greve, entre os que trabalham – e nas linhas de montagem, no ponto mais nevrálgico que vai decidir o sucesso ou fracasso da greve – há dois grupos: os que são tratados pela grande massa dos operários grevistas como “caxias” ou “fura-greves”; e aqueles a quem é reconhecido, de saída, um estatuto de exceção, ou seja, os temporários.

Trata-se de cenas surpreendentes se pensarmos, sobretudo, nos confrontos da greve de 1981 ou no decorrer das décadas precedentes¹. A greve é um momento de verdade, cada um tem de escolher seu campo. Dizer de alguém que é um “grevista” no decorrer habitual da conversação (fora do contexto da greve) é uma forma de fazer compreender que está inserido na cultura política do grupo (embora não seja militante ou sindicalizado), que faz parte do grupo dos operários que não estão do lado do patrão. Exerce-se uma reprovação bastante forte, até mesmo dois ou três anos mais tarde, em relação aos que não chegaram a participar da greve.

Para esta greve, os responsáveis locais dos sindicatos tiveram o cuidado de fornecer palavras de ordem bem precisas e instruções estritas para evitar que os

1. É preciso lembrar que em Sochaux – talvez mais do que alhures e, especialmente, levando em consideração a história peculiar da fábrica (duas pessoas morreram na greve de 1968 e os militantes fizeram uma política de repressão nos anos 70) – fazer greve é um ato raro, importante e grave. A greve é um momento em que é “preciso escolher seu campo”; cada lado conta suas forças e as atitudes de cada qual são julgadas tanto pela hierarquia, como pelo grupo dos militantes. Os que fazem a greve são “fichados” pelos contramestres que, em seguida, usam de toda a influência para “sancionar” os grevistas e “recompensar” os não-grevistas (pela distribuição arbitrária das gratificações à escolha, pelo afrouxamento ou aceleração da progressão salarial dos operários de acordo com os pontos de classificação). Os que não fazem greve são rotulados pelo grupo dos militantes; nesse momento, há reputações que se fazem e desfazem. Até mesmo aqueles que se limitam a fazer greve durante um ou dois dias recebem uma classificação diferente, na medida em que manifestaram uma forma de solidariedade – sua atitude é aceita; no entanto, os que recusaram, deliberadamente, fazer greve são apontados de forma ostensiva. Logo após a greve, ajustam-se as contas (dos dois lados); nesse caso, os “fura-greves” são colocados à parte, no index, pelo grupo de trabalho.

temporários sejam tomados como alvo dos grevistas. Sabem bem que a "base" não está disposta a aceitar com facilidade que "se" reconheça de alguma forma "direito" aos temporários de trabalhar por ocasião de uma grande greve. Nessas condições, por que razão todos os operários, até mesmo os mais intransigentes no respeito pelos "valores" operários e militantes (para os quais não haveria desculpa válida para os "não-grevistas") estão persuadidos de que a exceção feita em favor dos temporários é legítima?

Se interrogarmos os antigos, a resposta vem como a expressão de uma evidência: "Eles não têm culpa disso", "Não podem se dar ao luxo de fazer greve". "Se fizessem greve, nem que fosse um dia, a fábrica e a empresa de trabalho temporário estariam de acordo para despedi-los imediatamente". O desafio é tão grave – contrato com remuneração fixa – que não é possível exigir-lhes tal sacrifício. Embora não-grevistas, os temporários não são vistos como "furadores de greve"; têm a seu favor "circunstâncias atenuantes". Sabe-se perfeitamente que só lhes resta a fábrica como possibilidade de mudar de situação já que praticamente todos fracassaram em seus estudos e a sanção do fracasso escolar é, hoje em dia, de conseqüência incomensuravelmente mais pesada do que "em seu tempo". Parece que os grevistas, cuja faixa etária se distribui entre 35 a 55 anos, projetam na situação dos temporários as inquietações que sentem por seus próprios filhos, especialmente o fato de terem de enfrentar a nova exigência do diploma (as "bagagens" a serem adquiridas) para terem acesso a um emprego. Nesse sentido, os temporários aparecem-lhes, neste momento preciso e "eufórico" da greve, menos como concorrentes do trabalho – o que, objetivamente, eles são – do que como jovens que compartilham as mesmas experiências de seus filhos. O que, visto do interior da fábrica, poderia ser interpretado como uma simples oposição entre operários instalados (com "status de operário") e jovens em situação precária, toma uma significação completamente diferente desde que o espaço social local seja integrado no contexto real: apercebemo-nos, então, de uma proximidade social no lugar em que o ponto de vista da "fábrica" apenas mostrava uma distância de status entre duas gerações operárias.

A esta espécie de compaixão pela impotência acrescenta-se a esperança – a aposta – de uma identidade de interesses. É como se os grevistas mais politizados credenciassem, com antecedência, os temporários com uma postura crítica e uma atitude de resistência em relação aos chefes (tal crença encorajada por alguns pequenos sinais dos próprios temporários). Atribuem-lhes a combatividade que tinham quando eles próprios eram jovens operários na fábrica e ficam satisfeitos com o menor gesto de convivência, como se bastasse que estes se liberem do jugo que pesa sobre eles para que adotem quase automaticamente os mesmos "reflexos" e atitudes de defesa que eles próprios tinham assumido em sua juventude. Sem avaliar corretamente que a distância que os separa é menos uma diferença de idade no sentido biológico do que uma diferença de geração, que a ordem de

sucessão das gerações operárias foi interrompida por dez anos de não-contratação de novos operários e que esses temporários, "formados" por anos de "trabalhos duros" e pequenos biscates, chegam já, em larga medida, "submetidos" à fábrica.

Tendo como pano de fundo uma série de mal-entendidos, haveria um acordo tácito entre grevistas e temporários; além disso, poderíamos interpretar a cena do cartaz "temporário", exibido no momento da passagem do cortejo dos grevistas, como uma espécie de "toma lá, dá cá". Os temporários manifestariam seu apoio moral à "coragem" dos grevistas e pediriam, por antecipação, em retorno a indulgência dos grevistas; em compensação, os grevistas dariam a "absolvição" aos temporários por não participarem da greve e pediriam um compromisso moral para se colocarem, mais tarde – ao serem contratados – ao lado dos grevistas. Estes teriam uma tendência espontânea a interpretar esse gesto como um simples sinal de impotência social, enquanto os mais politizados gostariam de ver nisso uma oferta futura de colaboração no combate operário, um sinal de filiação potencial ao grupo dos grevistas, uma espécie de reconhecimento da legitimidade da luta travada por eles e, até mesmo, de adesão à cultura política que a subentendia. O cartaz podia então ser interpretado como a promessa de uma (futura) integração ao grupo e de sua reunificação (em termos de faixas etárias). Bastaria deixar o tempo fazer sua obra para que a ordem de sucessão das gerações operárias viesse a retomar seu curso normal.

Um ano depois, em julho de 1990, a recessão atinge a indústria automobilística e não poupa a fábrica de Sochaux; as previsões econômicas tornam-se cada vez mais sombrias, sobretudo, em razão dos acontecimentos do Golfo. Justamente antes das férias, é dada a informação de que os contratos dos temporários não seriam renovados no recomeço da atividade, em setembro; o número de efetivos da fábrica passa a ser, daí em diante, ajustado imediatamente às previsões a curto prazo da produção. Nesse período, nas novas oficinas de carroceria (HC1)², a tensão é muito grande, os objetivos de produção são alcançados apenas ao preço de violações, mais ou menos graves, das regras da gestão do estoque zero, sobretudo, mediante uma intensa mobilização dos operários; estes são obrigados não só a se adaptar a essa nova maneira de produzir (estoque zero e informatização)³,

2. HC1 (*Habillage-Caisse 1*) é a nova oficina de carroceria, construída a dois quilômetros da antiga. Começou a funcionar em 1989: a produção é mais informatizada, os operários usam um uniforme de cor verde fluorescente, devem assinar uma "carta-compromisso" e, no momento da inauguração, não tinham direito de fumar nas oficinas.

3. A informatização da produção permite produzir em série modelos bastante variados de carros, o que obriga os OS a levar em consideração o tipo de peça que deve ser montada para cada unidade (já não têm a mesma peça para montar determinado número de vezes no mesmo modelo) e decifrar rapidamente as indicações de montagem que figuram em uma folha colada sobre o chassi.

comportando a elevação dos ritmos na linha de montagem, mas também de não estar totalmente disponíveis. A técnica de produção está longe de ser perfeita e é te dominada nessa oficina ultramoderna, na medida em que os idealizadores de um grande projeto industrial (a fábrica do ano 2000) parecem ter tido uma visão excessivamente grande ou demasiado "tecnológica": as avarias multiplicam-se e é difícil obter o objetivo do "defeito zero" nas esteiras de montagem; um número cada vez maior de carros passa pelo setor dos "retoques", isto é, são retirados da linha de montagem para serem retomados pelos operários que trabalham em setores autônomos nos quais são feitas as retificações necessárias.

Os nervos estão à flor da pele. Embora as novas oficinas de carroceria sejam modernas, lindas, espaçosas e luminosas, reina aí no mês de julho um calor sufocante, quase insuportável (não foi previsto nenhum sistema de climatização ou esfriamento). Nos dias de canícula, o serviço dos bombeiros da fábrica vem refrescar as oficinas, com a ajuda de poderosos jatos de água lançados para cima dos tetos, sendo que os operários dizem que é, sobretudo, para evitar uma avaria do sistema informático de produção. Os testemunhos recolhidos junto aos operários evocam uma degradação do ambiente nessas oficinas e uma multiplicação dos incidentes entre operários, na sua maioria, jovens.

Julho de 1992: já não existem temporários na fábrica de Sochaux; com efeito, os últimos se retiraram no mês de dezembro de 1990. As agências de trabalho temporário que, no período anterior, tinham florescido em todas as cidadezinhas próximas da fábrica, fecham umas atrás das outras. Desapareceram as ofertas de trabalho temporário em mecânica, o Serviço local de emprego está continuamente repleto: os jovens que já não conseguem encontrar trabalho temporário vêm pedir um "estágio" (os orientadores profissionais constataam, vagamente desiludidos, que tal situação vai permitir que eles recebam 2.400 francos). No cômputo geral, algumas centenas de temporários tinham sido contratados pela fábrica.

Os temporários foram recrutados em massa no decorrer do período de expansão da empresa (1987-1990). O crescimento desse número foi regular e forte: eram mais de 1.500 no momento da greve de 1989 e irão atingir o pico de 3.500 em julho de 1990. Estão concentrados em determinadas oficinas de montagem e pintura (no momento da greve, 70% no setor das lacas). O recurso aos temporários foi de tal forma maciço que muitos operários ficaram persuadidos de que um grande número deles iriam ser contratados. Na fábrica, eram colocados desde o primeiro dia nos postos da linha de montagem; um operário do setor mostrava-lhes o que tinham a fazer e, por vezes em um dia, aprendiam a fazer o trabalho. Alguns, sobretudo os da região, ficavam apenas um dia, enquanto outros ficavam ligados por mais tempo com a esperança de obter uma "contratação" (um contrato com duração indeterminada). Empregados, sobretudo, nos setores de montagem da oficina de carroceria como os trabalhos de acabamento, ocupavam, muitas

vezes, os cargos que tinham a reputação de ser os mais "difíceis", exigindo, ao mesmo tempo, resistência física e rapidez de execução; aliás, os "antigos" sentiam cada vez mais dificuldade para ocupar tais cargos nesse período de aumento do ritmo de trabalho. Para os antigos, os temporários eram esses jovens, anônimos, que "apareciam numa linda manhã" na oficina e eram conduzidos pelo "chefe" diretamente para o seu posto de trabalho. Não eram apresentados muitas vezes, permaneciam tão pouco tempo que os operários do setor nem chegavam a travar conhecimento com eles; se permaneciam, havia poucas conversas com os operários mais antigos do setor, como se cada qual ficasse de pé sózinhos, em uma espécie de desconfiança mútua.

Passado o tempo da adaptação, os temporários sentiam muito menos dificuldade para acompanhar o ritmo de trabalho do que os OS na linha de montagem há 20 anos. Muitas vezes, era difícil para eles compreender a espécie de recriminação permanente dos "antigos", o fato de resmungarem ou praguejarem em seu canto. A coexistência no trabalho entre operários mais "velhos" e "jovens" não se fazia sem choques, a tensão era, muitas vezes, bastante forte entre eles e numerosas as altercações, tendo como fundo o aumento do ritmo de trabalho (são abundantes as descrições sobre a recusa dos temporários em se inclinar às lógicas multiformes da desaceleração dos mais velhos). Os conflitos também tiveram como objeto o não-respeito pelos recém-chegados das regras informais ou práticas de sociabilidade tradicional entre os OS (principalmente, o consumo de bebida alcoólica no interior das oficinas), outros tantos costumes que eram evidentes para os OS que tinham entrado para a fábrica nos anos 60-70 e que deixam muitos temporários (sobretudo quando não são da região) espantados e, por vezes, indignados.

Para muitos OS (ou "antigos" – nome que começou a se impor, nesse momento, nas oficinas), os temporários simbolizaram sua desqualificação, a desqualificação de seu *savoir-faire*. Eram, de alguma forma, a demonstração viva de que os velhos podiam ser substituídos, sem mais nem menos, por pessoas sem formação, cuja única vantagem era serem jovens e, fisicamente, "saúdáveis". A presença a seu lado dessa força de trabalho jovem e disponível tornava sua velhice ainda mais sensível, devido à comparação espontânea que, abertamente ou não, qualquer um poderia fazer.

Daí em diante, os operários ficaram divididos em dois subgrupos: o dos "velhos" – constituído pela grande maioria dos operários que tinham entrado para a fábrica nos anos 60-70 (o recrutamento operário da fábrica fora interrompido em 1979); e o dos "jovens" que são, em sua quase totalidade, antigos temporários selecionados entre 1988 e 1989 e contratados pela fábrica. Tendo chegado a várias centenas, têm consciência de serem os últimos representantes da grande onda dos temporários que, hoje em dia, refluíu completamente. Aliás, em 1992, continuam a ser chamados "temporários". A seu lado, não seria possível esquecer que a "jo-

vem" geração está representada por importantes contingentes – cujo peso é, muitas vezes maior – de jovens técnicos que, muitas vezes, são designados pelo termo "BTS": estes, sim, foram recrutados na segunda metade dos anos 80 e tem comum não se considerarem como "operários" mas um grupo à parte. A diferença entre esses dois grupos reside menos na idade, no sentido biológico, do que no modo como entraram para a fábrica. Aliás, um certo número de "velhos" não são idosos. Tendo entrado no final dos anos 70, poderiam ser considerados por certas modalidades de sua existência e modo de vida, como jovens; inversamente, um certo número de jovens temporários não são assim tão "jovens" como poderíamos pensar, na medida em que alguns já passaram dos trinta.

De fato, o que os distingue é o modo de geração, ou seja, a "geração de fábrica" – os OS que entraram para a fábrica antes da crise – opondo-se à "geração dos precários" que continuam à procura de um emprego estável; essa oposição é duplicada por toda uma série de oposições homólogas (politizada/ "despolitizada", sindicalizada/anti-sindicalizada...). Podemos dizer, esquematizando, que os jovens OS de ontem pertencem à geração escolar na qual muitos estudantes começavam a trabalhar com 16 anos, sendo ainda relativamente frequente a saída da escola sem diploma, enquanto os jovens temporários de hoje se consideram e vivem como "falhados" ou "excluídos" do sistema escolar já que não conseguiram escapar ao LEP (e ao CAP). Essa modificação da relação entre sistema econômico e sistema de ensino e o reforço do poder de sanção do sistema escolar, induzido pela "crise" econômica, vai penalizar consideravelmente os indivíduos menos dotados do ponto de vista escolar.

A modernização (técnica, social e espacial) da fábrica de Sochaux produziu, portanto, "velhos relativos", que estão não somente gastos pelo trabalho, mas também velhos pelo que "perderam", ou seja, maneiras de fazer e ser que tornavam aceitável a condição de OS e eram constitutivas de sua consciência de classe. São igualmente velhos pela impossibilidade em que se encontra a maior parte deles, seja qual for a idade, em se reconverter mentalmente aos novos dispositivos de trabalho, instalados na empresa. Os OS que passaram 15 anos na esteira de montagem, embora tenham apenas 32-35 anos, são em certa medida demasiado velhos "em suas próprias cabeças"; velhos em razão dos esquemas que interiorizaram e dos quais têm muita dificuldade em se desfazer, para não se sentirem excluídos da "modernidade". É como se fossem obrigados a lutar contra si mesmos, contra os "reflexos" que, progressivamente, foram adquirindo. Todos os que foram socializados na "cultura de oposição" que era a das grandes oficinas de OS dos anos 70⁴ encontraram-se, também, politicamente "envelhecidos" pela desva-

loração das esperanças e ideais, pela desmonetização das crenças que os amparavam em sua resistência à ordem da fábrica, por essa história comum que estava se desfazendo, em suma, pela desconstrução do grupo operário. O que se desmonta é a maneira como esses operários tinham construído, na vida de oficina, sua reputação e, portanto, a parte positiva da imagem de si.

Os jovens temporários sentiram muitas dificuldades para encontrar trabalho ao terminarem a escola; fizeram estágios, "pequenos contratos", temporariamente com períodos curtos de desemprego. Estão sempre na expectativa de obter um emprego estável e uma moradia própria. Como sua entrada na vida ativa (e na vida adulta) foi, incessantemente, diferida, vêm na "grande fábrica" que é Sochaux uma ocasião quase única de conseguir tal emprego. Para isso, muitos vieram de longe (de regiões onde o desemprego de longa duração atinge numerosos jovens – por exemplo, o Norte e a Bretanha). Vêm nos OS que trabalham ao seu lado na fábrica, não um grupo unido e solidário, um grupo "forte", mas um grupo desunido, pessoas cansadas, gastas, desmoralizadas, envelhecidas prematuramente, "ranzinhas", que se "comportam mal" no trabalho (aliás, essa atitude pode chegar ao ponto de sabotagem), enquanto eles ficam impacientes para mostrar serviço, demonstrar o que valem e procuram acumular "bons pontos" para serem contratados, ao chegar ao termo o contrato de temporários. Tentam "segurar" o melhor possível seu posto de trabalho e mantêm boas relações com os chefes que os "protegem" de seus empregadores (as agências de trabalho temporário). Portanto, não se sentem obrigados a respeitar as tradições que vigoram, há muito tempo, nas oficinas e podem se liberar das regras ou costumes (por exemplo, do consumo de bebidas alcoólicas). Os "antigos" não lhes prestam uma atenção particular, exceto alguns militantes que, segundo eles afirmam, vêm tentar vender uma carteira (sentem-se agredidos por essa solicitação insistente que lhes parece quase indecente). Esses jovens precários (estranhos à região e à "mentalidade Peugeot") trabalharam pouquíssimo tempo na Peugeot para compreender a natureza das relações complexas que se estabelecem nessas oficinas; ignoram tudo a respeito da história que modelou as diferenças de atitude, clivagens, hostilidades e ódios, feridas e cicatrizes e, até mesmo, diferenças entre sindicatos e suas estratégias. O que estava no âmago da vida dos militantes, o que constituía um princípio forte de identidade, passa desapercibido para eles. De tal modo que todos os operários do setor são vistos "em bloco" como fazendo parte da mesma geração: a dos que tiveram a possibilidade de "passar toda a sua vida na fábrica".

A coexistência entre "velhos" OS e "jovens" temporários nos mesmos locais de trabalho constituiu uma espécie de revelador dos mal-entendidos – estruturais – recíprocos. Por um lado, os "velhos" viam os temporários como "jovens", projetando a visão de sua própria juventude ("despreocupada" e "revoltada") sobre "jovens", antes de tudo, angustiados pela perspectiva de nunca conseguirem se

4. Cf. As "Chroniques Peugeot", in *Actes de la recherche en sciences sociales*, C. Corouge & M. Pialoux, 1984-85.

inserir no mercado de trabalho e obcecados pelo espectro da “exclusão”. Os mais bem formados na cultura militante “sentiram”, então, que nada poderiam transmitir-lhes de seu saber e experiência “política” e descobriram que, na fábrica, a corrente das gerações operárias tinha sido rompida. No correr desses anos de crise e não-contratação de novos operários espalhou-se na região uma espécie de crença ou “rumor” segundo a qual a fábrica apenas contrataria quem tivesse pelo menos dois anos de curso superior. A consciência particularmente viva do caráter indispensável que, hoje em dia, reveste a obtenção de diplomas “superiores” (avalados praticamente em termos de duração de estudos superiores) teve como efeito objetivo – e, de alguma forma, retrospectivamente – fazer passar os OS que entraram na fábrica sem diploma, “sem coisa alguma”, como se fossem pessoas que tivessem “tido sorte”. Podemos dizer que, com o endurecimento da competição escolar e a desqualificação das formações profissionais curtas (CAP, BEP), os jovens pouco ou não qualificados (e especialmente os que já esbarraram nos veredictos, sem apelo, do mercado do trabalho local ou nacional) têm tendência a construir, às avessas, a geração dos OS da fábrica (que, para muitos deles, é a geração dos pais) como uma geração despreocupada, para não dizer “feliz”, pelo simples fato de que, outrora, tinha conseguido facilmente um emprego. Essa construção *a posteriori* da geração dos pais isola, de fato, um momento de sua trajetória profissional que é o de sua inserção no mercado do trabalho e faz abstração do sistema de exigências históricas em que também se encontravam as pessoas dessa geração (por exemplo, os filhos de camponeses fugiram do trabalho rural para ter acesso aos bens e lazeres da “sociedade de consumo”).

Os temporários, e de forma mais particular os que, sendo originários da região de Sochaux, não desejavam ser contratados por Peugeot, deram a impressão aos “velhos” OS – por suas atitudes (muitos trabalham com um *walkman* ligado aos ouvidos, camiseta, sem macacão, falam pouco e, por vezes, manifestam uma recusa ostensiva a se comunicar com os colegas de trabalho) ou por sua maneira de denegrir o trabalho e a vida da fábrica, e não respeitar os códigos sociais estabelecidos, há muito tempo, nas oficinas (aliás, sua aprendizagem fez-se de maneira diferente) – que eles se comportavam como “operários de passagem”. A relação ao trabalho desses jovens que sabiam estar de passagem, feita de desligamento e de uma certa forma de indiferença, estava em completa oposição com a imagem do operário tal como tinha sido construída pelo movimento operário francês e encarnada, em certa medida, pelos militantes – a imagem do produtor, criador de “valor”, compenetrado pela nobreza do trabalho operário, pelos valores de solidariedade e dedicação à classe – aliás, tudo o que levava as pessoas a lutar em favor de e em nome dessa “abstração” que era a “classe operária”. A atitude desses “operários de passagem” – a espécie de “frivolidade” da conduta de alguns – era vista pelos militantes sindicais ou pelos “velhos operários” como

perniciosa à “boa apresentação” que era exigida pelo fato de fazer parte da classe operária e à “dignidade” desta tal como tinha sido longa e pacientemente construída pela luta sindical e política contra as representações dominantes e “desprezíveis” das classes laboriosas. A irrupção de tais jovens nas oficinas levou os OS a tomar consciência, de forma brutal, de que uma distância cultural irreversível se tinha criado entre as gerações operárias. Esse questionamento da identidade operária foi tanto mais doloroso na medida em que provinha do próprio “âmago” da condição operária e, até mesmo, em determinados casos, era suscitado pelos próprios filhos. Para um bom número de velhos OS, o “jovem precário” é aquele que não pode ser pensado como verdadeiramente “operário” – no sentido em que essa palavra envolve fundamentalmente a idéia de lutas, história, combate e esperança política e coletiva – ou seja, aquele que nunca chegará a ser um militante.

A experiência e o destino profissionais desses jovens precários demonstraram, de alguma forma, a numerosos operários da fábrica que, daí em diante, era amplamente ilusório acreditar que seus filhos poderiam entrar sem “bagagens” na fábrica e que também se tornara aleatório apostar na inserção profissional estável pela via tradicional do ensino profissional (nível CAP ou BEP). Pelo contrário, era preciso “investir” nos estudos longos: então, o que parecia ser o mínimo era obter o BTS para ficar ao abrigo do desemprego (o que levava um grande número de filhos de operários da região a preferir uma escolaridade indeterminada em colégio de ensino geral a fazer seus estudos em LEP, vividos como uma forma de relegação social).

A maior parte dos militantes descobrem que, apesar das exigências escolares, não estão de modo algum mais bem armados do que os outros operários. Daí seu receio – o mesmo dos outros operários – diante do futuro escolar e profissional de seus filhos, ainda agravado por uma forma de ódio contra a fábrica que traiu todas as suas esperanças. Os velhos operários descobrem que, praticamente, nada poderão transmitir a seus filhos, ou seja, a motivação pela qual lutaram durante tanto tempo; trata-se de uma experiência propriamente incomunicável que a Escola ignora e, por vezes, até mesmo pisoteia (já é conhecida a atenção prestada por muitos militantes ao ensino da história e à importância que esta dá à história política do grupo operário). A maneira como alguns operários falam de seus filhos é significativa da relação inquieta, tensa e pouco segura que muitos OS mantêm com a Escola: mescla de receio (não se interrompe, de forma brutal, o receio de que o “sucesso” escolar das crianças continua sendo incerto e reversível), extrema tensão (a necessidade de nunca relaxar seu esforço, afastando principalmente as más companhias) e esperança. Tanto mais que muitos OS não podem de modo algum “ajudar escolarmente” seus filhos, a não ser, de alguma forma, procurando transmitir-lhes ódio contra a fábrica. O universo escolar aparece como determinado mundo no qual não funcionam as solidariedades coletivas e não é suficiente

a constituição de uma “relação de forças favorável” – para retomar uma expressão militante.

Os militantes que, na fábrica, tiveram de enfrentar situações de tipo escolar de intimidação simbólica (as negociações com a direção do pessoal, as discussões com representantes do Estado, as reuniões do Comitê de Empresa, etc.) “avaliaram” a importância de dominar bem a linguagem e como as diferentes formas de naturalidade cultural constituem uma verdadeira arma; inversamente, conseguiram avaliar o preço que, por vezes, tiveram de pagar – em humilhações, intimidações, impotência ou raiva recalcada, especialmente, em circunstâncias “oficiais” – por sua “incultura” (relativa), e o esforço que tiveram de fornecer para se adaptarem, por exemplo, diante das leituras associadas à vida sindical (o direito do trabalho, os textos da lei, a compreensão dos mecanismos econômicos de base e das estatísticas, etc.). Hoje em dia, sabem perfeitamente que a invectiva contra o chefe de equipe e as estratégias de “reviravolta simbólica” já não “funcionam” como antes.

Tudo o que, politicamente, resta aos velhos operários para transmitir a seus filhos é negativo – hostilidade em relação a Peugeot, ódio contra os chefes, “desprezo” pelos colegas “caxias” ou “neocaxias”, decepção em relação aos países de Leste e ao comunismo real, etc. Sentimos neles a vontade de cortar, por intermédio de seus filhos, as amarras com um mundo (o universo da fábrica e o mundo operário) com o qual ficaram profundamente decepcionados e machucados; tentar fabricar (como por procuração) um outro destino ou outros horizontes, tendo prazer em ver em seus “garotos” o que poderiam ter sido (bom esportista, bom empregado), tudo exceto esse operário gasto e decepcionado que acaba, talvez, por se detestar a si mesmo por se ter tornado o que se tornou... como se a violência que trazem em si – violência destruidora que os leva a se isolarem dos outros – tivesse encontrado um relativo e provisório apaziguamento na evocação de seus filhos e de seu futuro.

Michel Pialoux

O velho operário e a nova fábrica

Quando chegamos, Christian C. e eu¹, em D. (aldeia do departamento de Haute-Saône, situada cerca de 50 km de Sochaux), por volta das 15 horas, em uma tarde de julho de 1990, Gérard – que trabalha “de manhã” na fábrica – esperava-nos no jardim que rodeia sua casa: de calção, sem camisa, revolve com uma pá um pedaço de terra. Gérard é OS na fábrica de Sochaux, desde 1965. Está bem perto de fazer 50 anos e trabalha na oficina de acabamento há 15 anos: embora tenha ocupado numerosos cargos, sempre esteve na montagem “em esteira”, “em linha”. Quando se endireita para nos acolher, fico impressionado com sua estatura, o vigor e a espécie de energia tranqüila que emana dele; muitas vezes, os operários da fábrica dão-me a impressão de ser idosos, gastos; parecem ter, como se diz, cinco ou dez anos a mais do que sua idade; quanto a ele, dá-me a impressão de ter resistido, melhor do que muitos outros, ao desgaste da fábrica.

Trocamos as palavras rituais em torno do “atrativo” da jardinagem, assim como da fadiga do trabalho na fábrica. Gérard vai todos os dias a Sochaux, em um ônibus da empresa. A viagem dura quase uma hora. Só excepcionalmente é que leva seu carro (um Peugeot 405). (Há várias décadas, toda a região é sulcada por uma rede de ônibus que, desde as três ou quatro horas da manhã, percorrem as estradas. Atualmente, o número de operários é menor, mas a direção da fábrica manteve as antigas linhas de ônibus). Com passos lentos, tagarelando, damos a volta à casa (cinco quartos, um grande porão...) e gracejamos a respeito do arranjo do jardim: muitas flores, plantas ornamentais um pouco afastadas, alguns canteiros com legumes. Gérard explica-nos como e por que razão mandou construir a casa em 1973, pouco tempo depois de seu casamento: o emprego na fábrica Peugeot dava uma segurança, as taxas de juros não eram elevadas e, além disso, o terreno não era caro – “quase nada” – graças à “astúcia” do prefeito, um “comu-

1. Christian Corouge é um OS da fábrica de Peugeot, em Sochaux, com quem trabalhei durante os anos 80 e publiquei várias “Chroniques Peugeot” em *Actes de la recherche en sciences sociales*, de 1984 a 1986.

nista", um "velho sabido", que soube sempre o que fazia e que, no bom momento, soube adquirir determinados terrenos para sua prefeitura. E acrescenta: "...fala bastante, com a voz um pouco surda, sem qualquer entonação, pela qual posso perceber um pouco de ironia, como se quisesse colocar uma certa distância entre ele e as perguntas... – que nunca sentiu muito gosto pelo trabalho da terra ao qual se dedica, ocasionalmente, durante o verão (dá uma ajuda "à direita ou à esquerda" a um vizinho ou parente). Seu pai mora pertinho, mas deixou de cultivar suas terras que estão alugadas a um vizinho (Indica com um gesto o lugar da velha casa, que não decorrer da entrevista, aponta com o dedo as múltiplas casas onde moram os cunhados, primos, parentes de sua mulher...). Insisto um pouco: por que não faz um outro trabalho, como seria possível com os 2 turnos de 8 horas? Não, verdadeiramente, nunca foi "tentado por isso". Aliás, "isso deixou de ser feito" pelos operários que tentavam "agüentar" a fábrica e trabalhar em seus terrenos (tinha de renunciar, uns atrás dos outros ("Tive um colega que fazia um outro trabalho, explica ele, mas houve um período em que teve de fazer uma escolha, ou a fábrica ou a fazenda"). Atualmente, as pessoas estão "demasiado fatigadas". Quando ele, a única ocupação à qual, na aldeia, se dedica com regularidade é cortar lenha nas florestas bem próximas, cortes regulados pela tradição, que são feitos por várias pessoas, "entre colegas"; aliás, é com essa lenha que ele faz a calefação da casa durante o inverno ("Os invernos são rigorosos; sem essa madeira, não haveria dinheiro para esquentar a casa"). E acrescenta: "Corto a minha madeira, faço biscoites, cuido do jardim, mas faço isso por mim mesmo, unicamente porque me agrada..." Sua paixão é a caça. Quando fomos embora, três horas mais tarde, por volta das 19 horas, Gérard fez uma descrição, altamente colorida, de suas caçadas com os vizinhos e cunhados; tais caçadas ao javali mobilizam todos os homens da aldeia... Nesse instante, evoca sobretudo (mas discretamente, sem insistir demasiado) o cansaço que dá, a dificuldade em se recuperar fisicamente após um dia de trabalho: "Há alguns anos, voltava para casa, fazia biscoites, pescava, pegava madeira na floresta. Não havia problemas. Mas agora quando volto para casa, quero é ficar quieto..."

Gérard é um velho amigo de Christian. Já se conhecem há mais de 20 anos e estão ligados por muitas lembranças comuns. Quando entrou para a fábrica, Christian trabalhou na mesma equipe de Gérard, na oficina de carroceria. Sobre tudo, iniciou com ele sua ação como militante, em 1969, quando a fábrica estava repleta de pessoas jovens e combativas. "Tudo isso cria laços". Com o decorrer do tempo, tiveram oportunidade de se encontrar com frequência: nas oficinas durante as "pausas", nos bares próximos da fábrica ou nas reuniões sindicais. Mas Christian nunca tinha vindo à aldeia de Gérard: era um "colega de fábrica" e não um colega "do bairro" ou da "aldeia". E a diferença é importante. Nos anos 1983-1984, desde que começamos a trabalhar juntos, Christian falou-me, muitas vezes,

respeito de Gérard... Em seu parecer, é o tipo do "operário camponês", completamente tomado pelas redes da vida local, com lazeres de camponês, caçador, pescador. Encarna um modo de vida que o fascina e se opõe completamente ao modo de vida dos conjuntos HLM (os "blocos"), onde os operários que vieram de outras regiões ou países, imigrantes do interior ou exterior, estão condenados a viver. Ao mesmo tempo, em seu entender, o que singulariza Gérard é que ele é um "vermelho"; filho e neto de camponeses, está, no entanto, inscrito em uma tradição política, a de uma região "vermelha": a da mina de Ronchamp e das aldeias operárias que a rodeiam, a dos pequenos camponeses que têm atrás deles uma longa tradição anticlerical e republicana, zona fortemente marcada, também, pelas lembranças da Resistência à ocupação nazista, onde as municipalidades socialistas e comunistas são numerosas e ativas.

E Gérard tem, efetivamente, a reputação de um "vermelho" na fábrica, assim como fora dela. Durante muito tempo, foi militante do PC, onde exerceu responsabilidades num plano relativamente elevado; ainda se considera como um "verdadeiro" comunista, embora tenha deixado de exibir sua carteirinha desde o final dos anos 70. Nunca deixou de estar sindicalizado à CGT, faz parte desse núcleo de velhos militantes e delegados em torno dos quais se cristaliza a resistência à ordem da fábrica. Está plenamente inserido na rede militante; aliás, é aí que se encontram seus verdadeiros amigos. No entanto, nunca chegou a ser delegado. Muitas vezes, seu nome figura na lista dos candidatos da CGT para as eleições de DP ou do Comitê de Higiene e Segurança (CHSCT), mas sempre em situação de ineligibilidade.

Tendo terminado de dar a volta à casa, Gérard vestiu uma camisa e fomos instalar-nos na cozinha: moderna, bem equipada, está mobiliada com um aparador e cadeiras "rústicas" (os antigos móveis, a respeito dos quais vamos falar, ficaram na casa dos pais). Gérard ofereceu-nos café e biscoitos. Em várias ocasiões, levantou-se para procurar documentos: sua folha de pagamento, a carta que recebeu no momento em que começou seu estágio em Morvillars (estágio de três semanas destinado aos operários que iam trabalhar na nova fábrica de HC1), panfletos sindicais... Sua mulher (que é empregada num serviço da municipalidade) apareceu no fim da tarde. Trocamos com ela apenas algumas palavras; na realidade, não interferiu na conversação porque estávamos falando da fábrica; sentimos, aqui, até que ponto é grande o corte entre o mundo da aldeia e o da fábrica.

Gérard sabia que eu já conhecia Christian há vários anos; aliás, já nos tínhamos encontrado, há dois ou três anos, fora da fábrica num dia em que os operários interromperam o trabalho: os grevistas abandonaram as oficinas e reuniram-se nos bares próximos da fábrica.

Foi Christian quem propôs e preparou a entrevista. Sem ter uma idéia bem definida dos temas sobre os quais iria ser interrogado, Gérard pensava que iria-

mos solicitar-lhe, antes de tudo, seu “testemunho” sobre a oficina de acabamentos, as mudanças que se foram operando aí, o caráter penoso dos postos de trabalho, o estoque zero, o “just in time”, etc. Sabia, igualmente, que desejávamos falar de “estágio” que começou a fazer em Morvillars e do qual foi despachado ao fim de quatro dias. Certamente, nem chegou a pensar que a entrevista tomaria o tom de “confidência”, ou que, por exemplo, falaríamos, de saída e sem mais rodeios, de sua relação com “a política”, assunto a respeito do qual – via-se bem – preferia pelo menos em um primeiro tempo, guardar distância. Ao mesmo tempo, conhecia bem o “seu” Christian e pressentiu que não escaparia a uma discussão sobre temas “políticos” – na qual não tinha, certamente, a intenção de ir longe demais.

Efetivamente, não ousamos formular determinadas perguntas demasiadamente “pessoais”; outras só foram abordadas quando, gravador desligado, falamos de pé, durante muito tempo, na cozinha, ou quando, tendo passado a soleira da porta, continuamos a conversar ainda mais de quinze minutos no jardim... O acordo implícito inicial não previa que Gérard iria contar sua vida, falar dele mesmo. No entanto, por sua iniciativa, evocou, logo no início, a figura de seu pai, ativo militante comunista, antigo resistente e, durante muito tempo, conselheiro municipal da aldeia (“Fui criado no meio de resistentes, foi sua explicação; meu pai, meu avô, participaram da resistência... minha avó fazia o pão para os resistentes”). Seu pai tinha uma fazenda que, há 30 anos, aparecia como uma exploração “média” que não chegou a despertar seu interesse, nem o de seu irmão (que se tornou técnico da fábrica); assim, “quando [meu pai] viu que ninguém estava interessado pelo terreno, não investiu, nem aumentou... as terras foram alugadas”. Gérard foi “impelido” pelos pais a “estudar”, na esperança de que chegaria ao liceu. Mas abandonou a escola quando terminou o 1º grau (“Isso não ia muito bem... via os colegas que já estavam trabalhando e eu...”).

Ao deixar a escola, foi contratado por uma fábrica de têxteis, situada apenas a dois quilômetros da casa dos pais; mas os salários eram bastante baixos (“Tinha possibilidade de vir a ser contramestre”, dirá ele). Decidiu deixar a fábrica e conseguiu uma contratação em Sochaux. Na época, o salário de um operário não qualificado de Peugeot era largamente superior (de 30 a 40%) ao de um operário profissional ou, até mesmo, de um contramestre da maior parte das fábricas da região. Ser operário da Peugeot aparecia, então, como uma sorte invejável. A conciliação entre um estilo de militância política “vigoroso” e uma certa forma de ascensão profissional aparecia, também, como algo perfeitamente possível.

Em várias ocasiões, abordamos a questão de seus filhos e respectivo futuro escolar e profissional. Todas as questões sobre seu próprio futuro, sobre o futuro da fábrica fizeram ressurgir quase fatalmente esse tema quente e doloroso. Aflo-rou, incessantemente, o receio de que seus filhos (ambos no 2º grau: o mais velho, 17, no 2º ano, enquanto o outro, 16, no 1º) viessem a fracassar nos estudos e

também relegados para a fábrica, condenados a fazer, como ele, um trabalho braçal. Sua relação com o futuro construíra-se também, através dessa mesma relação com o futuro dos filhos. “Estão indo relativamente bem”, afirmou com um sorriso, mas não ousou avançar demais em um terreno que não dominava, pois temia que o futuro viesse a reservar-lhe más surpresas. O mais impressionante é, talvez, a maneira como explicou a razão pela qual fez tudo para evitar entrar no ensino profissional que lhe aparecia como um ensino desvalorizado, tendo como única saída a fábrica – como se lançasse sobre o conjunto do mundo industrial a aversão que ele próprio tinha em relação à fábrica Peugeot.

E, ao mesmo tempo – também aí se expressiu a ambigüidade de sua relação com a fábrica que, sendo objeto de ódio, foi igualmente, em um sentido, um objeto de amor ao qual estavam associadas algumas das mais queridas lembranças e das mais fortes emoções de sua vida – repetiu, em várias ocasiões, que seu mais vivo desejo era que seus filhos viessem a trabalhar na fábrica, como “estagiários” durante as férias de verão. Em seu entender, tratar-se-ia de uma espécie de aprendizagem negativa – levá-los a ver claramente o que era o mundo da fábrica, mostrar-lhes a razão pela qual deviam fugir dele – mas, ao mesmo tempo, transparecia em suas palavras o desejo de fazer compreender a seus filhos o que foi o trabalho de OS, a razão pela qual esse trabalho o estragou, mas como também desenvolveu atitudes de combate que, a seu ver, tinham coerência e grandeza – no entanto, pressentia que só seriam compreendidas por um pequeno número de pessoas. “Meu grande desejo, diz ele, é que eles trabalhem na fábrica, nem que seja durante um mês, mas não querem; no entanto, se tiverem de se levantar às três horas da manhã durante um mês, deixarão de fazer corpo mole nos estudos...”

Já sentados à volta da mesa da cozinha, e como para dissipar o mal-estar que subsistia, Gérard dirigiu-se diretamente a Christian, colocando-se de saída sob o signo do passado e do confronto entre duas épocas: “Este, sim, fui eu quem o criou”. E Christian responde em eco – foi nesse instante que liguei o gravador: “É verdade que passamos bons momentos em conjunto; aliás, todos os que trabalharam conosco nessa época lembram-se disso como tendo sido os melhores momentos de suas vidas...”

Desde o início da conversa, parece-me impressionante que os três temas principais já estejam lançados: agravamento do caráter penoso do trabalho nas esteiras de montagem, degradação do “ambiente” nas oficinas e dificuldade cada vez maior em efetuar um trabalho sindical; aliás, voltaram, incessantemente, até o término da entrevista.

Ao ouvir Gérard e Christian multiplicarem as alusões ao grupo de “colegas”, evocarem ao mesmo tempo o “ambiente” em volta dos postos de trabalho, as formas e as modalidades do “trabalho” sindical (que estavam profundamente im-

bricadas nas práticas de trabalho) e o elo que mantinham com uma certa postura política, fico com a impressão de que, de repente, compreendi o como e a razão pela qual se foi operando, durante um espaço de tempo bastante grande, a transmissão de uma certa cultura política profundamente enraizada em um complexo de relações de trabalho (que eram também relações sociais entre pessoas “constituídas” por uma história comum) e o como e a razão pela qual as condições dessa politização foram desaparecendo progressivamente – ou estão em vias de desaparecer.

Com efeito, o que me impressionou nesta entrevista foi, antes de tudo, uma certa entonação, mescla de violência contida para falar do presente e de humor um pouco sarcástico para falar do passado. Foi também a permanência do tema da degradação das relações de trabalho e o laço estreito que esse tema mantinha com o da perda das relações de confiança no grupo de trabalho; aliás, tal perda era sentida profundamente como uma ferida. Antes de tudo, sem dúvida, devemos prestar atenção às modalidades de recusa da fábrica: uma recusa violenta, definitiva, sem apelo; aliás, está fora de questão reconsiderar tal recusa que, também, constitui como a marca de uma ferida.

De fato, Gérard não deixou de falar – e evocou ora à maneira de constatação, ora sob a forma de denúncia – da desestruturação do antigo sistema de relações sociais que tinha prevalecido, durante muito tempo, na oficina (até os anos 1985/86) e que dava uma espécie de força ao “grupo” operário no qual os delegados e militantes mantinham uma posição eminente. O que, no fundo, é colocado de saída no âmago de sua afirmação é a questão dos contratos coletivos de trabalho, suas modalidades de existência, formas de sociabilidade aí prevalentes, da maneira como se desenvolvia um certo trabalho político (que não era quase nunca pensado como tal), da maneira como se articulavam, se ligavam e se amparavam resistência individual e resistência coletiva, resistência “moral” e resistência “política”...

Sentimos em Gérard uma espécie de ferida, uma decepção bastante profunda ligada ao presente, mas que procedia também de toda uma história. Tal decepção impregnava o olhar que lançava sobre seu passado, assim como sobre seu próprio futuro ou de seus filhos. Tal decepção enraizava-se, igualmente, no pressentimento de que as novas gerações operárias – os temporários – não iriam juntar-se, salvo milagre, às antigas e que a maior parte das formas antigas do combate operário não poderiam ser retomadas porque já não estariam ajustadas às novas situações. Voltando-se para o passado, insistia sem parar sobre a maneira como, nos últimos dez anos, as condições de trabalho na oficina se foram transformando e agravando; como se tornou mais forte a pressão exercida sobre os operários; como se foram instalando entre eles a desconfiança e dedurismo; como se desfez a coesão dos antigos grupos de trabalho, especialmente, com o sistema de gratificações;

como a hierarquia, ao reorganizar os contratos coletivos de trabalho, tentando mesmo criar outros completamente novos, conseguiu impulsionar a dinâmica da vida social na direção mais favorável a seus interesses. Parece que existia aí um efeito de círculo. A memória não pode ser abolida. A constatação do que se tornaram as esperanças, especialmente políticas, de outrora, da maneira como as antigas relações de confiança se desestabilizaram, informava e estruturava a percepção que Gérard tem das relações sociais nas oficinas atuais e torna sombria sua visão do futuro. De algum modo, a constatação desse fracasso fazia também ricochete no passado, encorajando a utilização de uma forma de escárnio ou humor negro voltada, muitas vezes, contra si mesmo.

Se a violência parecia, antes de tudo, dirigida contra “os outros” – o grupo dos velhos colegas, os da sua geração – não era possível evitar pensar que ela tinha igualmente um aspecto autodestruidor que poderia sempre, de alguma forma, voltar-se contra si mesmo. Com efeito, no final de contas, o grupo antigo, seu próprio grupo, do qual foi membro, é que não esteve à altura da esperança que tinha colocado nele.

A narrativa que fez de uma “escaramuça” entre operários acontecida em sua oficina – um desses ínfimos incidentes de que é tecida a vida da fábrica: alguns operários, por brincadeira, puseram-se a lançar parafusos uns nos outros e um deles ficou ligeiramente ferido no rosto – testemunhava perfeitamente a violência do mal-estar que sentia diante das novas condições de trabalho. Ele próprio veria sobretudo, nesse relato, a ocasião para fustigar a covardia dos velhos que, para não “criar caso” e por solidariedade de geração, adotaram o ponto de vista do chefe e transformaram-se em cúmplices de uma injustiça – certamente, minúscula – mas que ele, formado na tradição militante, recusava deixar passar em claro... Com efeito, a anedota parecia eminentemente significativa na medida em que esclarecia o movimento pelo qual Gérard marcava fortemente suas distâncias em relação com os operários de sua geração, seus colegas, os velhos que, a seu ver, comportaram-se como aliados objetivos da direção da fábrica: “Decidi, diz ele, que nunca mais falarei com eles”. Assim, solidarizou-se (mas verbalmente, por um instante e no mal-entendido...) com os jovens, ou antes, “um” jovem que, em determinado momento, pareceu-lhe ser o único que chegou a questionar realmente, por suas práticas, a ordem que a direção tentava impor na fábrica – uma ordem que ele não poderia, nem que fosse por fidelidade a si mesmo, deixar de recusar com a mais total determinação.

No entanto, a descrição que fez, alguns minutos mais tarde, da atitude no trabalho dos temporários – que constituem um grupo numeroso em sua oficina – mostrava bem que perdeu praticamente toda a ilusão quanto à possibilidade de

que o combate destes viesse, um dia, a juntar-se ao dos "velhos" operários. Sentia que esses jovens estavam demasiado longe dele, impregnados por lógicas bastante diferentes das dos operários da fábrica.

O que resta, então, o que aparece quase "naturalmente" no primeiro plano, é a expressão de um ódio violento contra a fábrica, seus homens, seus chefes, uma hostilidade que é alimentada, evidentemente, por todas as humilhações suportadas hoje, pelo sentimento global de um fracasso na vida profissional, pelo receio de uma espécie de pauperismo que o ameaça a ele e aos seus, mas que se alimenta de uma coisa bem diferente, de uma decepção mais profunda e antiga: a perda de uma esperança de outro tipo, uma esperança coletiva; aliás, ele nunca aceitou completamente renunciar a ela e, sendo assim, continua de luto.

Com um OS comunista

Entrevista de Michel Pialoux

"Já não é possível confiar seja lá em quem for"

Gérard – (...) Deixou de haver tempos mortos, trabalha-se todo o tempo desde a entrada até a saída, já não existem períodos de recuperação, já não é possível ganhar seja lá o que for [alusão à maneira como era possível "ganhar" alguns segundos, graças aos "arranjos de trabalho"], já não é possível discutir (...). [silêncio] Diria que isso começou em 77-78 quando o gabinete americano SMI apareceu na fábrica... foram eles que começaram o trabalho de desmonte, foram eles que começaram a estabelecer balizas e, em seguida, chegaram as equipes de cronometragem.

Christian – Antes, o preparador estabelecia, em um escritório, as fases do trabalho a ser feito com tempos previstos e, em seguida, uma equipe de cronometristas vinha cronometrar o trabalho do titular do posto porque, também aí, houve grandes tumultos porque estavam sempre tentando imprensar o operário, colocar um substituto, um técnico para fazer a cronometragem porque sabiam que o operário ia manipular os tempos... e os titulares do posto eram cronometrados também, mas é verdade que isso suscitava um grande número de problemas porque ninguém gosta dos cronometristas, é natural! Então, suprimiram a cronometragem; agora, nos escritórios dos métodos, mandam um técnico fazer a operação que é cronometrada, mas sem levar em consideração as condições ambientais: tubo de ar das apa-

rafusadoras, problema de meio ambiente do posto de trabalho, tudo isso some do mapa (...).

– *E a nível das manobras, arranjos que permitiam ganhar um pouco de tempo...?*

Gérard – Somos nós que temos de nos virar! (...) Sim e, agora, temos não sei quantas espécies de modelos... 23 versões da Peugeot 405! E quase 30 para a 605.

– *E suponho que o pessoal que veio instalar os novos métodos designa isso por aumento da carga mental...*

Gérard – Sim e depois, neste momento, todos os carros são fabricados para serem exportados; então, há mais peças para montar, são mais bem feitas do que as nossas e, em princípio, devem respeitar um ritmo; aliás, um ritmo que não existe. Em princípio, de quatro em quatro carros, um é US [carro destinado a ser exportado para os EUA]; mas como não têm um número suficiente de caixas, vão colocar dois, três carros de US uns atrás dos outros. Como esses carros dão mais trabalho, a rapaziada não aguenta tal ritmo... chega na parte de baixo do posto e vem alguém para ajudar a retomar seu lugar [se não consegue trabalhar com suficiente rapidez, o operário vai acabar ocupando o espaço de trabalho do operário que se encontra no posto seguinte; o chefe pode enviar o monitor para ajudá-lo e permitir que volte ao seu lugar normal na linha de

montagem], quando existe pessoal sobrando é sempre igual porque é a guerra a nível dos efetivos. Agora, o efetivo é zero: 25 postos, 25 sujeitos, mais nada! Já não existem os polivalentes, os técnicos de reparação; conservam sempre sua qualificação, mas ocupam um posto, assim como os monitores (...).

— *Acho interessante compreender como se ganha produtividade...*

Gérard — Em HC1, na nova fábrica, é verdade que tudo é lindo, limpo, quando se faz uma visita... mas no que diz respeito às condições de trabalho e ambiente é pior ainda do que o nosso. No final de contas, o que é que existe realmente... há os pára-brisas, os painéis de bordo que são colocados de forma robotizada (...).

Christian — Agora, existem sujeitos que trabalham em pequenas esteiras de montagem... fazem toda a preparação da parte da frente; em seguida, um robô pega nela e a coloca no carro. A gente vê chegar o elemento completo do carro, mas é preciso que se saiba que, a montante, existem não sei quantos temporários que trabalham, na NASA [setor do antigo acabamento designado assim por antifrase] ou alhures, que se aborrecem com os parafusos de 7 que são difíceis de pegar, e aparafusam durante todo o dia.

— *Há uma nova divisão do trabalho...*

Gérard — Ganham bastante na produtividade porque, antes, chateavam-se com o peso das peças, os deslocamentos, etc., e agora, ganham um tempo considerável com isso... o cara tem tudo à mão.

— *Portanto, isso não modifica nada de fundamental, leva a ganhar tempo, mas o conjunto da montagem continua a ser feito à mão...*

Gérard — Não há nada de... em HC1, isso funciona tão bem que têm sempre avarias! Na quarta-feira, estávamos na sede

[do sindicato], Hamid chegou... tinham alterado a hora da refeição. Foi anunciado que havia outra avaria... na semana anterior, 150 carros e, na quarta-feira, outros 100 perdidos; é uma verdadeira catástrofe, são avarias umas atrás das outras.

— *Será que nessas oficinas os grandes problemas são mesmo as avarias?*

Gérard — Sim, não conseguiram resolver o problema das avarias, das... É o agravamento das condições de trabalho; não trabalho aí, mas pelo que se ouve dizer. (...)

Eles só falam do Japão

— *Christian disse-me que pouco faltou para você ir trabalhar em HC1, mas não deu certo. Como é que isso se passou?*

Gérard — Digamos que fui convocado, como aconteceu com outros, para fazer o famoso estágio de três semanas em Morvillars. Logo no primeiro dia, a única coisa de que se falava era dos japoneses, o automóvel... a única conversa que tinham conosco era falar do Japão... (...) Como se deve trabalhar em grupo... porque já não são os chefes que decidem; agora, o chefe nada tem a ver com isso, mas o grupo. Para tirar um dia de tempo de serviço, de licença ou férias é o grupo que decide se podemos ou não tirar tal dia; foi dessa forma que foi apresentado, é o grupo que decide. O chefe está no escritório, não tem de se ocupar de mais nada: há um monitor que é o intermediário entre o grupo e o chefe.

— *E repisam, durante três dias, essa nova idéia do trabalho em grupo?*

Gérard — Sim e, é claro, disponibilidade e tudo o resto! Pessoalmente, esbarrei na disponibilidade: disse que nem me falassem na eventualidade de vir aos sábados [com violência] nunca tinha feito isso e nunca o faria. E era no período em que se recuperava a famosa hora e meia, após as inundações. Disse para G. [responsável

pele formação]: "Neste momento, não faço a hora e meia em todas as tardes, às 13h30 faço greve!"; então, replicou-me: "Se e assim, não preciso de você na minha oficina, você volta para o lugar de onde veio". Isso foi muito rápido, era o quarto dia (...).

De fato, se você não declarasse abertamente na reunião que não estava de acordo com tal procedimento, deixariam você em paz.

Gérard — Sim, sim! No quarto dia, aconteceu essa famosa disponibilidade... Ao perguntarem: "Você está disponível nos sábados?" se você responde: "Sim, de tempos a tempos", isso é o suficiente; mas eu disse: "Não", isso foi um... porque eu sabia como isso funcionava e, nesse dia, após as 13h, fui eu que falei de disponibilidade. G. me dizia: "Pára com isso, vamos chegar lá!"; e aí, ele foi bastante claro pois me disse: "Vá embora!"

Cada um pega seu contracheque e mete-se no seu canto para dar uma olhada

— *(...) E no seu setor, existem também temporários? Como são as relações com eles? Porque, ao mesmo tempo, podem ter salários 2.000 francos mais elevados do que o seu?*

Gérard — Os dois que estão ao meu lado foram receber o salário nesta semana; um chega a 9.300 francos, enquanto o outro passa dos 10.000. Mas, enfim, não cheguei a ver a folha de pagamento... receberam isso, mas não sei o que Peugeot lhes deu! Mas há um outro que trabalha perto de nós, quiseram contratá-lo, mas ele não quis; está à espera do serviço militar e não ficará aí pois não quis ser contratado porque ganha mais sendo temporário. Mas não sei quanto é a mais todos os meses.

— *Quando se tem 20 ou 25 anos de serviço não é um pouco difícil ver um*

cara que começa no mesmo trabalho... é um pouco o mundo às avessas em relação há 25 anos, época em que havia uma espécie de respeito pelo tempo de serviço...

Gérard — Ainda agora o tempo de serviço é um pouco levado em consideração... mas o que agora faz, sem falar dos temporários, o que estabelece a verdadeira diferença de salário são as gratificações à escolha porque tenho a certeza de que elas existem, isso representa uns 1.000 francos a mais por mês... Já lá vão uns quinze anos que existem as gratificações à escolha e alguns caras chegam a receber duas ou três por ano.

— *Não será que, nos últimos anos, isso ainda terá se desenvolvido mais?*

Gérard — Agora o grande problema... as pessoas recebem uma gratificação à escolha, mas não falam sobre o assunto, é difícil ficar sabendo. Já não mostram nem mesmo as folhas de salário; cada um pega sua folha de salário e mete-se no seu canto para dar uma olhada... Antes não havia o problema das gratificações à escolha, então comparávamos nossos salários para ver se não havia um engano... Deram-nos, hoje, o décimo terceiro salário. Pessoalmente, rasgo o envelope, leio e coloco a folha de pagamento sobre a mesa: "Eis o que ganhei", mas os outros colocam a folha dentro da bolsa; alguns nem chegam a abri-la na fábrica. "Quanto é que você ganhou?", "Não sei", eles não sabem, só abrem o envelope em casa.

— *E antes, quem é que distribuía as folhas de pagamento? O chefe de equipe?*

Gérard — Sim e mesmo agora, mas estão dentro de um envelope. O que contribuiu bastante para o mau clima que existe agora é esse problema de aumentos individuais; por 25 francos na época, as pessoas eram capazes de fazer fosse lá o que fosse, dedurar...

– É mesmo assim nesse contexto de diminuição relativa do salário de que falávamos há pouco ao longo dos anos 80...

Gérard – Aliás, na folha que acabamos de receber sobre as negociações salariais está marcado “Aumento médio das gratificações à escolha, 1,9%” – médio! médio, é mais do que o aumento geral dos salários. E quantos é que recebem esses 1,9% de média? Então, esses 1,9% não são distribuídos a todo o mundo. Com o grupo passa-se sempre o mesmo, se há um bobo no grupo... porque, na nova fábrica, já não existem gratificações de esteira de montagem, mas uma gratificação por semana: 75 francos, com a condição de que haja produção, qualidade... Mas se houver alguém que dê mancada, a gratificação do grupo sai fora. É terrível! Vi um colega que mora aqui, trabalha no outro turno... é parecido comigo, não tem que se preocupar, mas um dia tiraram-lhe a gratificação porque não usava luva em uma das mãos [relata várias histórias de gratificações que não foram atribuídas]. E, na semana passada, fiquei sabendo que, se alguém tirar um dia de licença por óbito, casamento ou nascimento, não recebe gratificação: só existem dias de folga por tempo de serviço... mas se, durante a semana, eu tirar um dia de licença por óbito, deixo de receber a gratificação individual!

– Mas as formas mais graves acontecem no plano do grupo, quando este faz pressão para... porque está na lógica das coisas... (...)

Gérard – Nos primeiros dias em Morvillars, mostraram-nos um calendário com o absentismo de um cara que registrava muitas faltas, mas é o que mostram em primeiro lugar: o absentismo (...) [Discussão em torno do absentismo nas diferentes oficinas]. O absentismo continuou em deter-

minadas oficinas, basta ver os postos difíceis na oficina de carroceria!

– Sim, mas agora com o envelhecimento das pessoas e a fadiga vai haver sem dúvida, um absentismo um pouco diferente do anterior que está ligado verdadeiramente a doenças graves...

Gérard – É sempre a mesma coisa, as pessoas ainda não têm a ousadia, algumas trabalharão até ao fim porque há sempre esse problema de gratificações à escolha porque, acima de 7% de faltas durante o ano, a pessoa não recebe tal gratificação. Pessoalmente, tenho a minha experiência, fiquei... ainda há pouco discutia com Michel [delegado do pessoal em sua oficina] porque é a mesma coisa: Michel é o cara que também nunca falta... fiquei dois anos sem faltar, nem mesmo um dia por doença... Nunca pedi licença para sair, nunca cheguei atrasado, nunca houve nada... mas nem por isso recebi qualquer gratificação! Isso quer dizer mesmo assim que existe outra coisa que funciona para a atribuição das gratificações à escolha. Nunca recebi qualquer advertência durante o trabalho, nada... porque acho que no aspecto trabalho... não quero que me entalem por isso. [Com violência] Ninguém conseguirá me entalar por causa do trabalho e faltas! Poderão me entalar a respeito de minhas idéias, de um montão de coisas... talvez, um dia, mandarei meu chefe passear, mas no restante, ninguém conseguirá me entalar. Aliás, uma vez [dirigindo-se a Christian] era no tempo de L., você se lembra? Já não sei o que tinha acontecido, creio que tinha pedido um dia de licença e ele recusou... E esse cara pedia licença por doença para reformar seu sítio... durante o ano, estava frequentemente com licença por doença, recebia gratificações à escolha e tinha tudo o que queria! Chegou a me dizer: “Mas você nunca vem trabalhar aos sábados!”

Isso foi o critério que, durante muito tempo...

Gérard – Mas não querem ouvir falar disso porque a última vez que tive uma entrevista individual com meu chefe, entrevistado para dar nossas “notas”, ele disse-me: “O trabalho do sábado não tem nada a ver com isso... só contam as greves!”

Isso, é claro, é o sinal objetivo, a relação com a Peugeot define-se através disso...

Gérard – Basta fazer, por exemplo, uma pequena interrupção de duas horas no ano, tudo vai ao ar! Bom, quanto às greves de 1989, nem falemos disso! Segundo parece, os que fizeram greve já estão há dois anos sem receber gratificação à escolha.

– Isso é o preço? Isso foi dito pelo chefe de equipe?

Gérard – Implicitamente. E depois das greves ainda aconteceu outra coisa, é que os não-grevistas receberam gratificações: uns tiveram 150 francos e outros um pouco menos! Então, alguns foram ao encontro dos delegados CGT – é preciso ter topete: “Por que razão os outros receberam mais do que nós?” Se havia uma diferença é porque uns tinham recebido mais do que os outros... houve um que permaneceu na esteira de montagem quando estávamos desfilando nas oficinas e outro que se escondeu no banheiro! Então, os que se esconderam, receberam uma gratificação menor do que os que permaneceram nas linhas de montagem! É a pura verdade! [todo o mundo ri]. Até mesmo os que não fizeram greve foram classificados em duas categorias: o valentão que se postava em frente da esteira de montagem para escarnecer e o que era um pouco idiota, tímido e escondia-se no banheiro...

O clima é este

Gérard – Anteontem, houve um problema em nossa oficina... o chefe chamou imbecil a um cara, um jovem. Foi Michel [o delegado] que assumiu a defesa do cara que tinha sido dedurado... Há um cara, o Birou, que apanhou com um parafuso no olho e foi à enfermaria dizendo que tinha tido alguma coisa no olho, mas foi tudo. No dia seguinte, o jovem que trabalha com o elevador de carga teve de manobrar com perigo por causa do chefe. Então, disse-lhe: “Você não é pouco maluco, não podia ter mais cuidado! Olhe que não sou imbecil!” – “Você não é, mas é como se fosse, e se não está contente, veremos isso amanhã”. No dia seguinte, houve alguém que disse ao chefe: “O Birou levou com um parafuso no olho, jogado pelo Christophe [o jovem em questão]”. Então, o chefe fez um relatório. Mas eu também fiz minha pequena investigação no setor porque não somos muitos, apenas uma dezena; de fato, todos tinham jogado um punhado de parafusos para o Birou na brincadeira... E aquele que dedurou também tinha jogado um punhado de parafusos. Então, disse a Michel: “A coisa passou-se desta maneira... todos jogaram um punhado de parafusos. Então, agora, vai ser preciso fazer a perícia do parafuso que bateu no olho de Birou e detectar as impressões digitais. Vai com o chefe e diz-lhe isso mesmo.” E depois o jovem foi falar com o contramestre e explicou-lhe como as coisas se tinham passado. O contramestre disse-lhe: “Bem, vamos ver!” E a ocorrência ficou por isso mesmo. Mas caso contrário, o cara teria sido despedido, isso é grave, muito grave! E o Birou foi xingado por não ter dito ao chefe o que tinha acontecido, como as coisas se tinham passado...

Christian – E Birou é um operário...?

Gérard – Sim, é um operário que trabalha como nós. Eles eram três ou quatro e co-

brincadeira... ele estava atrás de um carrinho, montava vidraças; quando virou as costas, houve um parafuso que lhe bateu no olho. Mas quem dedurou foi aquele que começou a jogar os parafusos! Eis o clima!

— *Você estava falando de clima ruim... Mas quem é esse jovem? Um temporário?*

Gérard — É um jovem, um antigo temporário que foi contratado; deve ter 25, 27 anos. Quanto aos outros... há Nicolas que tem 52, Charles, 47, já não são crianças (...). *[Com violência]* Desde esse dia, creitei que deixaria de falar com esses caras...

Christian — No entanto, você se entende bem com esses quatro colegas...

Gérard — Sim, mas com os outros *[com violência]* acabou-se! Nunca mais me verão na mesma mesa, podem trazer uma garrafa na próxima semana para as férias... O chefe pode trazer uma dose... porque, no ano passado, chegou a fazer isso... pessoalmente, na hora em que acontece alguma coisa, faço o que está ao meu alcance e depois... No ano passado, ele guardou-me um copo que joguei na lata do lixo; mas se este ano ele me der outro, jogo na lata do lixo à sua frente! Não, isso não tem sentido! Para vocês terem uma idéia: somos nove a trabalhar juntos e fazer baixarias dessa forma, correr o risco de levar um cara de 25 anos perder o emprego, é preciso ter cuidado! O que é que eles pensam? E ainda não está claro se foi realmente o parafuso que o cara jogou. Mas o que aconteceu é que ele mandou o chefe passear e os outros vieram socorrer o chefe... O que sei é que já não consigo me ver aí dentro. Vou porque...

— *Tenho a impressão de que há muitas pessoas que... sentem alguma coisa parecida...*

Gérard — E não é só... há o trabalho claro, que é uma coisa, mas sobretudo o clima... Na primeira ocasião, quando há uma baixa de produção, um posto suprimido, aproveitam para tirar um...

— *Acho terrível dizer que já não se tem amigos... Isso também nos foi dito por Farid...*

Gérard — Antes, éramos 15 e, pelo menos, havia 13, 14 amigos; havia sempre uma ovelha negra, mas...

— *Os não-amigos eram minoritários?*

Gérard — ...e podíamos ter confiança, em quanto agora...

Christian — Você se lembra do velho assaciano, o varredor que vendia seus cigarros? Ficávamos aborrecidos por ter de comprar seus cigarros, mas isso não impedia que, se tivesse de ir ao banheiro ou fazer outra coisa, éramos nós que vendíamos seus cigarros. Isso passava-se sempre dessa forma, enquanto agora já não é assim. É o individualismo levado ao extremo, cada um por si. Conseguíamos trabalhar em linha de montagem porque tínhamos amigos. Agora, os caras que ficaram na esteira de montagem, que estão cada vez mais isolados, quando você decide não falar com cinco deles, como vai fazer? Você assume essa responsabilidade, com certeza, você é exigente, mas isso dura apenas um tempo; nessa história, é você que fica em desvantagem e não esses quatro idiotas...

Pegam o ônibus com o blusão de monitor

— *Pouco a pouco, os amigos foram saindo?*

Gérard — Não, acabam com os grupos. Se houver um posto para ser suprimido segundo as variações de produção, cadência... se há dois bons amigos que têm personalidade, que exercem uma certa in-

fluência sobre os outros, na primeira ocasião eles tiram um e o outro fica sozinho. E para voltar ao problema das famosas pontuações à escolha, já ninguém confia nisso. Por vezes, temos confiança em um cara e depois fica-se sabendo que foi dizer mentiras ao chefe. Não há muito tempo, isso aconteceu comigo... não ligo para isso, não tenho mais nada a esperar, mas... já não se pode ter confiança em ninguém porque, para essas famosas gratificações para passar de 180 a 190 pontos *[nível inferior da classificação por pontos que determina o nível de salário]* há sujeitos que são capazes de fazer seja lá o que for! Dedurar ou qualquer outra baixaria! E os chefes andam à procura disso.

Há os problemas de salário, de dinheiro, mas tudo o que você acaba de dizer é verdadeiramente algo de terrível. E a escolha de monitores, tudo isso... pegam um cara, dão-lhe 300 francos a mais...

Gérard — Para muitos, basta que tenham uma blusa de monitor... Não é a história dos 300 francos... mas desempenham outro papel... a mulher vai estender a blusa diante da casa para que todo o mundo possa vê-la; alguns, quando voltam para casa... tomam o ônibus com a blusa de monitor...

Christian — Isso nota-se bem com o "uniforme verde fluorescente" da nova fábrica; voltam para casa com ele. Mal apanham o costume... trabalhando em horário normal como eu, vamos vê-los sair em seus carros com o "uniforme verde fluorescente"...

Gérard — Isso acontece por causa da reputação que a fábrica tem fora... se você anda com seu blusão ou calças sujos, não deve ter receio em trocá-los e, até mesmo duas vezes por dia, por causa dos visitantes! É preciso que os visitantes fiquem com uma boa impressão (...). É isso a

nova fábrica. É isso que é inculcado na cabeça das pessoas! Um dia, um chefe de equipe disse-me: "Sonho com Peugeot, penso em Peugeot, à noite, sonho com Peugeot". Ainda esta manhã passei por ele: trata-se de um técnico que tem um leãozinho no colarinho do casaco; usa também um leãozinho.

— *Então quer dizer que se veste francamente à maneira de Peugeot...*

Gérard — Você se lembra que também houve *anoraks*? *Anoraks* da marca Peugeot, amarelo e azul; para fazer esqui, vestiam o *anorak* com o leão *[risos]*. A reputação que a fábrica tem fora, sobretudo em Morvillars, é terrível! Mostraram-nos uma fita cassete: trata-se do cara que vai comprar um carro Peugeot, a mulher está no salão de cabeleireiro com uma operária de Peugeot; elas têm a cabeça debaixo do secador e a operária de Peugeot diz: "Não ligo para os carros Peugeot, quando fecho uma porta é com um pontapé..."; quando a outra volta para casa, diz: "Você sabe, os carros Peugeot são feitos... ouvi isto, ouvi aquilo..."; o sujeito coça a cabeça... e depois vai procurar o concessionário. Este pede para esperarem e como não vem atendê-los, o sujeito vai procurar a concessionária da Renault...

— *E depois de mostrarem a fita, dão uma espécie de lição de moral: o que não se deve fazer e o que se deve fazer?*

Gérard — Isso mesmo. Por exemplo, se estamos três ou quatro em um bar, não se deve dizer "Estamos fartos! Fechamos as portas a pontapé!"; deve-se dizer sempre o bom trabalho que fazemos, preconizar a qualidade até mesmo fora da fábrica. Praticamente todos deveriam — isso não é dito — mas... todos deveriam ter uma roupa correta quando saíssem da fábrica.

— *Eles têm cuidado para que não haja nada escrito, que não fiquem vestígios. É como a história dos "dez manda-*

mentos" [alusão ao "estatuto" que é apresentado aos estagiários de Morvillars para que estes dêem sua adesão] *que foram reproduzidos por toda a imprensa e foi isso que sublevou um pouco a indignação contra Peugeot.*

Gérard – Ah! Não tive a felicidade de conhecer isso! Voltei para casa muito cedo! Gostaria de ter acabado o estágio, nem que fosse para passar três semanas tranquilamente, alimentado e tudo o resto... não é isso, mas... É certo que, no sindicato, Paul e Louis disseram-me... você deveria ter ficado. Mas quis ser franco para com eles de maneira que depois não houvesse mal-entendidos. Se eles quisessem que eu ficasse, eu teria ficado! Competia a eles... Quando voltei ao trabalho no dia seguinte de manhã, o chefe estava realmente com cara de poucos amigos! Suponho que me tinha indicado o estágio para se livrar de mim; disse para si mesmo: "Vamos liquidar este cara; vai deixar de nos chatear!" Quando cheguei na sexta-feira de manhã, eu o espreitava, disse para mim mesmo: "Quando ele me vir..." porque ele não estava ao corrente... Aí, quando me viu, foi como se tivesse sido atingido por uma bala, estava todo branco... então, eu disse-lhe: "Estou voltando". Foi tudo. Nem me perguntou a razão; aliás, eles nunca me perguntaram por que razão eu tinha voltado. Na semana seguinte, fui ao seu encontro e disse-lhe: "Mas essa história dos sábados de voluntariado... qual é o sentido da palavra voluntariado?" e ele ficou um pouco abobado: "Voluntariado... você sabe, a gente pede e depois os voluntários..."; "Sim, mas será que, na oficina HCl, voluntariado tem um sentido diferente do que está escrito no dicionário?" "Não sei. Por quê?" Então, disse-lhe: "Porque fui jogado fora de Morvillars porque disse que nunca viria como voluntário"... deveria ter dito apenas "talvez" ou "vou ver"... mas para eles só o fato de

ter dito isso é já alguma coisa porque bem que há muitos... Costumam fazer a seguinte recomendação: "Se você não vier em determinado sábado, é preciso combinar com seu substituto para que ele venha em seu lugar"; já não é o chefe que pede, mas você que deve se ocupar disso...

– *É certo que se trata de um outro modelo de relações sociais... o que se sabe das fábricas japonesas...* [discussão sobre o Japão, Itália, Inglaterra]

Gérard – Sim, mas mesmo assim isso causa medo às pessoas! Se, amanhã, meu patrão, em vez de ser Calvet, tiver os olhos esticados, não ligo a mínima para isso. Se for um japonês que vier a comprar Peugeot... Para nós, o essencial é trabalhar em boas condições, é ter um salário conveniente. Não ligo a mínima se amanhã Calvet for substituído por um japonês porque os japoneses por pouco iam comprando a Peugeot...

Os temporários? Não ligam a mínima para a fábrica

– *E os jovens, os temporários...? Mesmo assim acham difícil o trabalho?*

Gérard – Sim, mas não têm de ligar para isso! Aliás, interrompemos o trabalho... este ano, interrompi o trabalho apenas uma vez... há 15 dias, no momento da greve dos temporários. Eles não eram numerosos, 15, 20 e quando vi que isso não lhes interessava... disse-lhes: "Vamos parar!"; eram quatro, cinco temporários e esses quatro ou cinco estavam querendo votar a greve para o dia seguinte!

– *Portanto, entre os temporários que se encontravam aí, apenas uma pequena minoria é que se envolveu na greve?*

Gérard – Entre 3.000 temporários que trabalham na fábrica Peugeot, eles eram 25 (...). Os primeiros quatro ou cinco vie-

ram da mecânica. No dia seguinte, foi lançada uma palavra de ordem de greve, eu fui a acompanhá-la, é normal, demos a volta pela oficina de carroceria e de mecânica, conseguimos a adesão de uma quinzena, foi tudo. Voltaram a votar para o dia seguinte e no dia seguinte, no restaurante, eles eram seis; então eu disse: "Vou retomar o trabalho! Não vamos ficar por aí brincando palhaço com 15 pessoas", quando temporários, dois delegados, dois ou três militantes, não vamos ficar por aí... E nessa tarde, eles ainda voltaram a votar pela greve para o dia seguinte. Mesmo assim, é preciso fazer as coisas com seriedade! Ao discutir com eles, vê-se bem que não têm nada a perder: "Estamos aqui à espera, no dia em que decidirem nos mandar embora, não podemos fazer nada!"; não ligam para isso, mas não chegaram a interromper o trabalho. E depois, jogaram fora temporários que não tinham interrompido o trabalho, e aquele da mecânica que liderava ainda está na fábrica...

– *Os líderes foram castigados pela Peugeot?*

Gérard – Não... Esta semana, segunda ou terça-feira, houve um que chegou às cinco horas e o chefe disse-lhe: "Pode voltar". O cara chegava às cinco horas para trabalhar porque não tinha sido prevenido na véspera, nem nada. "Pode voltar". E voltou com muita dignidade, não tinha nada a perder; foi ao encontro do contramestre e disse-lhe: "De qualquer forma, não quero passar minha vida em seu bordel!" Tem razão, mas quero criticá-lo pelo fato de não ter participado quando houve um movimento de greve.

– *Ele não tinha participado?*

Gérard – Não, em nada!

– *Quando era convidado a participar, dizia que isso não lhe interessava?*

Gérard – Não, isso não lhes interessa, não ligam a mínima. Para eles, trata-se de uma situação passageira.

– *São pessoas que vêm de fora da região ou...?*

Christian – Esse morava aqui; vem trabalhar de bicicleta...

– *Será que, entre eles, não há uma forma de politização?*

Gérard – Existem alguns... os que trabalham na mecânica... mas não, não ligam nada para isso, nada! Para eles, o que importa é o dia-a-dia... Não há muito tempo, jogaram fora um; esta manhã, estava voltando... voltou esta manhã, como temporário, para visitar a oficina de carroceria, enquanto antes trabalhava à nossa frente. Perguntei o que estava fazendo ali e respondeu-me: "Mudei de empresa"... quando vinha trabalhar no turno da manhã, muitas vezes, chegava atrasado... certa manhã, chegou às dez horas, não tinha conseguido acordar.

– *Jogaram-no fora depois disso? Interromperam sua missão? Voltou a arranjar trabalho em outra empresa? Será que conseguiu entrar para outra empresa?*

Gérard – Sim, é isso mesmo... Não sei onde estava, na CIE, RMO, BIS... foi para outra empresa e volta à fábrica... (...) O que há de nojento também é que eles estão despedindo todos os que completam 18 meses de serviço. E ao mesmo tempo, há uma leva de temporários; esta manhã, eram uns trinta; ontem, também. Porque, agora, se ficam mais de 18 meses, a fábrica é obrigada a contratá-los...

– *São boas as relações com os temporários...?*

Gérard – Sim, o clima é bom, mas alguns são um pouco estrambóticos, trabalham com o walkman colado nos ouvidos todo o santo dia; são jovens!

– *O walkman é aceito no trabalho?*

Gérard – Sim. É incrível o número de jovens que trabalham com isso todo o santo dia.

– *A maior parte usa o aparelho?*

Gérard – 60% dos temporários têm isso colado aos ouvidos. Também tenho a impressão de que não querem integrar-se. (...) Tiveram problemas com isso porque os caras ficavam dois ou três dias e depois... quando saíam para o fim de semana, já não voltavam... é preciso compreendê-los. Mas a maior parte não tem nada a perder, quando vê como isso se passa: estão aí, terminam o contrato e depois vão para outra empresa. Mas não é por isso que vão lutar: hoje é hoje, amanhã é outro dia.

– Mas podem mesmo assim discutir com você...?

Gérard – Sim, discutem, mas a gente sente que não ligam a mínima.

– Será que o futuro da fábrica não lhes interessa?

Gérard – Não, nem o seu próprio futuro. Por vezes, ainda não têm 20 anos, não pensam em nada, a não ser no dia de hoje, é tudo...

– E será a mesma coisa em relação aos sindicatos?

Gérard – Sim, de qualquer forma, o sindicato, a política, votar, nada disso diz respeito.

– Mas mesmo assim foram afetados pela greve de 1989...

Gérard – Sim, aqueles que estavam durante as greves... Mas penso que se acontecesse agora, talvez, mudariam de ideia.

– Você acredita que haverá um mero maior a entrar no movimento?

Gérard – Sim, tendo em vista o que passou e depois as condições de trabalho, tudo isso... Porque também há muitas promessas, promessas de promoção... "Se trabalharem mais meses, vocês serão contratados", mas não percebem que estão chegando a 12 meses e serão postos na rua. Há quem trabalhe comigo, foi fazer os testes, dois dias depois da sua chegada, o chefe lhe diz: "Você será contratado", mas não é antes das férias, mas talvez no outono... e "talvez", hein... então, volta-se de um padeiro-pasteleiro para a procura de trabalho e para encontrar um emprego...

Julho de 1991

Barine Christin

Trabalho à noite

Danielle G., 32, é filha de Juliette e Milou C., pequenos camponeses que são os meus próximos vizinhos que tenho no departamento do Aveyron. Eu a conheci quando ela tinha dez anos e pude encontrá-la, várias vezes, até sua mudança para Paris depois, com menos regularidade.

Danielle veio do "travers". Por oposição ao platô no qual se encontra o centro do município de Saint-Hippolyte, o "travers" designa as terras que encimam a montanha de *La Truyère* e, mais precisamente, neste lugar, o lago da barragem. Os camponeses do "travers" gozavam de uma situação relativamente boa até a última Grande Guerra; viviam da produção de frutas e do comércio de árvores frutíferas: cerejeiras, ameixeiras, coleta de castanhas e nozes; tinham pequenos rebanhos, criavam algumas vacas, a cooperativa recolhia a produção de leite e, de tempos a tempos, vendiam uma vitela. Atualmente, nos vilarejos do "travers", há apenas alguns casais idosos e viúvos; até mesmo, os "caminhos das charreiras" utilizados, não há muito tempo, como atalhos para ligar os diferentes vilarejos, ficaram "fechados" pelo matagal. Os pequenos vinhedos encontram-se abandonados, o mato invade as terras, os jovens estão em Paris.

Danielle foi a última jovem do "travers" a deixar o vilarejo: o irmão, Maurice, dez anos mais velho, é policial militar em Paris; a irmã, Yvette, casou-se com um rapaz da região, antes de se instalar em Paris com o marido, como gerente de um bar. Danielle não tinha pressa em sair; depois de estudar secretariado na cidade de Rodez, ainda ficou dois anos em casa, trabalhando de tempos em tempos em uma fazenda, ajudando os pais, freqüentando todos os bailes da região: confessava-se "aproveitado bem" e diz que esses dois anos foram particularmente felizes; foi embora contra a vontade. É sociável, alegre, coquete, penteia-se "à la lionne" e, quando pode, gosta de comprar roupas nos mercados, aos domingos.

Marquei encontro por telefone, sem que ela tivesse mostrado grande surpresa com a minha ligação porque, algumas semanas antes, nos tínhamos encontrado no Aveyron e combinado de nos vermos, um dia, em Paris. Estava em licença por

doença após uma cirurgia, e deu a impressão de estar bastante feliz com a ideia de passar algumas horas comigo. É claro, eu deveria ir a Ullis ver seu apartamento, fazer questão em me receber, preparar uma refeição, mostrar álbuns de fotografias e, sobretudo, o de seu casamento ao qual eu não tinha assistido; poderíamos ligar para seus pais, enfim, eu não deveria me sentir incomodada já que era ela que me convidava.

Disse-lhe também que gostaria de colocar algumas questões – em vista de uma pesquisa que estava fazendo no quadro de meu trabalho – sobre as dificuldades da vida em Paris, particularmente para alguém que vem do interior, como ela. Estaria disposta a aceitar me relatar sua passagem do vilarejo do Aveyron, onde tinha nascido, para o centro de triagem postal da 15ª região em Paris e seus “desgostos” no momento da mudança? – aliás, era o que me dizia sua mãe quando nos encontrávamos, durante as férias. Respondeu-me, logo, afirmativamente; o início tinha sido difícil, mas “não demasiado porque é menos penoso para alguém do interior que se dirija para a cidade do que o oposto, porque encontra mais conforto; alguém da cidade que fosse para o interior, como no Aveyron, não poderia suportar a mudança”.

Não há meio de transporte cômodo para chegar a Ullis, que é um modesto município, situado nos arredores de Paris, em plena expansão, rodeado por zonas residenciais. Danielle veio esperar-me na estação de metrô: tínhamos marcado encontro na plataforma, tive de esperar mais de meia hora antes de vê-la chegar bastante confusa já que tinha estado à minha espera em outra plataforma (ou seja, naquela em que ela mesma desembarca, de manhã, quando volta do trabalho). Em seguida, diante da estação, pegamos um ônibus que, rapidamente, atravessou subúrbios elegantes e depois um trecho de auto-estrada. Antes de chegar a Ullis, vemos de longe alguns espigões que se destacam de forma bizarra em segundo plano de guias e estaleiros de construção (mais tarde, cheguei a observar que algumas dessas torres estavam sendo reformadas) e Danielle contou-me que, na brincadeira, seus amigos diziam que “ela morava em Chicago”.

Durante todo o trajeto de ônibus, falou-me de seu marido, Serge, com menos cinco anos do que ela, o que me parece preocupá-la bastante, sem que o confesse. Filho do proprietário de uma oficina em Versalhes, não foi além do 2º grau porque estava apaixonado pelo xadrez e pretendia consagrar-se completamente a isso: é um jogador qualificado que participa de torneios; não havia muito tempo, ganhara um troféu que ocupa uma posição de destaque na sala do apartamento. Vê-se que ela o admira, afirmando que é um intelectual; explica-lhe muitas coisas que ela não compreendia antes de conhecê-lo; em compensação, reconhece que ele não é muito dotado para o lado prático da vida em comum sobre a qual ela exerce uma autoridade quase maternal.

Assim, durante nosso almoço, Serge ligou para perguntar o que ela pensava do preço de 150 francos por um quarto de hotel em Lyon; com efeito, no fim de semana seguinte, ele deveria assistir, nessa cidade, à copa do mundo de xadrez. Ora, Danielle teve de tranquilizá-lo durante um bom tempo; e depois de ter terminado a ligação, voltou-se para mim, bastante lisonjeada: “Coitadinho, ele é tão amável, precisa sempre de pedir minha opinião; pode muito bem gastar o que quiser pois ganha mais do que eu” (6.700 francos por mês, enquanto Danielle recebe 6.200).

Tanto na ida, como no regresso, notei que ela era conhecida pelos motoristas de ônibus que lhe falavam com a camaradagem familiar dos que, sem serem colegas, se encontram regularmente no quadro da vida profissional, fora dos horários normais, enquanto os outros ainda estão em casa. Parece que não dispensaria tal convivência.

É preciso andar uns dez minutos e passar por alguns espigões – muitos parecem bem deteriorados, enquanto outros estão “em reforma” – para chegar ao pequeno prédio de quatro pisos onde ela mora; fica um pouco à parte, em uma alameda ladeada por alguns arbustos. O apartamento encontra-se no 1º andar: sala e dois quartos (um deles é o “quarto dos amigos” que Serge gostaria de ter transformado em uma sala de musculação, mas ela preferiu o quarto de amigos já que poderia servir para os pais e colegas de passagem). Na sala, há muitos bibelôs e fotografias, em particular da família de Danielle e de seu casamento; e uma mesa baixa, toda em vidro, cuja decoração interior é obra de Danielle: cactos e pedaços de pedras escolhidos com gosto. A cozinha está muito bem equipada com aparelhos, batedeira, forno de microondas (presentes da mãe de Serge que se interessa bastante por culinária).

Quando chegamos, a mesa estava posta e uma garrafa de cidra – que foi difícil abrir – comprada em minha honra, ocupava uma posição de destaque; ao longo da refeição, mostrou-se inquieta por saber se os pratos me agradavam, repetia-me para que não me sentisse incomodada, metia-se a toda a hora na cozinha para aperfeiçoar o acompanhamento do assado, acrescentando um saquinho de molho instantâneo ou para me trazer um condimento que, eventualmente, poderia ser do meu agrado. “Coma, coma”, repetia “olhe o pão, sirva-se de novo”, mais preocupada em desempenhar bem seu papel de dona-de-casa do que responder às minhas questões que lhe pareciam visivelmente incôgruas. O ponto mais sensacional do almoço era um bolo que ela mesma tinha feito, segundo uma receita dos “weight watchers”; com efeito, ao chegar a Paris, tendo achado que estava demasiado gorda, foi aconselhada por uma colega a inscrever-se em tal clube.

Danielle fala bastante alto, sobretudo quando se dirige a pessoas que não são conhecidas e que a intimidam, como se tivesse medo de não ser compreendida; o

que a leva também a explicar várias vezes a mesma coisa, até mesmo, falar de forma rudimentar como se dirigisse a um estrangeiro um pouco obtuso. Tem um sotaque do Sudoeste bem acentuado. Quando era pequena, falava "francês" na escola e patoá com os pais: o costume de falar o patoá em família, exceto nas festas, perdeu-se quando foi para Rodez fazer secretariado, depois de ter concluído o 1º grau. Mas escolhe cuidadosamente suas palavras de modo que, por vezes, parecem ser rebuscadas: o emprego do adjetivo indefinido "algum" no singular a utilização de determinadas palavras como "aceder" em vez de entrar ou a invenção de outras como "atencionar", emprestam ao seu discurso um aspecto impecável. Da mesma forma, mostrou-se bastante preocupada com a exatidão na descrição dos gestos que deve fazer em seu trabalho ou da hierarquia dos empregados dos correios, esforçando-se por lhe fornecer tanto as siglas e seu significado quanto as funções correspondentes na prática. No entanto, a representação do mundo que a rodeia no centro de triagem postal permaneceu bastante burocrática, como se Danielle estivesse recitando uma lição aprendida no momento em que começou a trabalhar, ou como se os chefes fossem inacessíveis ou, antes, como se não a interessassem.

Durante a entrevista, queixou-se das condições materiais do serviço noturno, mas evoca, com pavor, sua experiência de trabalho durante o dia. Apesar das exortações da família e do marido, continua a trabalhar à noite e parece encontrar na camaradagem das equipes da noite um paliativo para seu exílio.

Com uma funcionária de um centro de triagem postal

Entrevista de Rosine Christin

"Nunca vejo o sol"

Habitualmente, você trabalha à noite?

Danielle – Sim, à noite.

Qual é, então, seu horário?

Danielle – Das nove horas da noite às cinco horas da manhã; trata-se de um ritmo ao qual é preciso se acostumar. Saio de casa pelas sete horas, telefono para meus pais...

– Você liga todos os dias para seus pais?

Danielle – Quase todos os dias, não durante muito tempo, mas é regular; eles pegaram este costume. Acabamos por volta das cinco horas, cinco horas e meia, pego o primeiro metrô... para uma mulher, isso não é fácil... é preciso gostar disso, é especial. No princípio, eu era carteira; faço isso desde 1982... maio de 1982.

[Em seguida, explica a razão pela qual escolheu o serviço da noite, em vez de carteira]

Danielle – Porque temos muitas vantagens, muitas licenças e depois há a possibilidade de ser substituído pelos colegas: com a possibilidade de sermos substituídos, além de determinadas licenças, ficamos com um período maior de folga, isto é, podemos trabalhar direto durante duas semanas e depois ter duas semanas de licença.

– O que quer dizer trabalhar direto?

Danielle – Fazer a substituição de um colega. Trabalhamos duas noites em três; na terceira, em vez de repousar, substituímos um colega, o que faz com que essa pessoa nos substitua quando o desejarmos; então, por vezes, conseguimos dois dias de licença porque acontece trabalharmos no domingo, domingo à noite, e, nesse caso, nos beneficiamos de três horas de RC, isto é, repouso compensador; pelo fato de trabalharmos de nove horas à meia-noite do domingo, somos recompensados, o que faz com que, em cada três domingos, nos beneficiemos com um dia: ao tirar esse dia, que nos é devido pela administração, podemos, além disso, ser substituídos por um colega, sem contar com o dia de repouso normal... e depois temos muito tempo livre. Antes de conhecer Serge, sentia muitas saudades da minha região, disse para comigo: "Isso vai facilitar a ida ao Aveyron com mais frequência"; não é possível ir ao Aveyron durante um fim de semana.

– E foi nesse momento que você ficou conhecendo Serge?

Danielle – Não, foi mais tarde: conheci Serge quando fazia horas extras, em 1984. Bom, acabei adquirindo o ritmo da noite, o clima não era desagradável, dizia para comigo: "Por que não permanecer?" Serge não estava muito satisfeito pelo fato de

eu trabalhar à noite, mas disse para comigo: "Aceitei um montão de coisas, ele vai aceitar também"; e isso foi um encadeamento. O clima... excetuando a posição em pé, e é verdade que o ser humano está feito para dormir durante a noite e trabalhar de dia... bom, há um desequilíbrio do organismo, mas... o clima... tudo isso... isso me agrada...

Posição fixa, em pé...

— Como é que isso se passa?

Danielle — Quando você chega, encontra escaninhos em aço, escaninhos, está vendo, como se fossem caixinhas... então, existe uma mesa que se chama "mesa de abertura" onde os caminhões fazem a descarga; há também manutencionistas que descarregam os caminhões, pegam nos grandes sacos postais, colocam-nos em cima de mesinhas rolantes e transportam esses volumes até a mesa de abertura; então, um abre o saco e os outros, em volta da mesa, fazem a separação entre as cartas de grande formato — que colocam em recipientes metálicos — e as cartinhas, em caixinhas e são separadas para pequenos escaninhos.

Na primeira vez que tive acesso às instalações, eu disse: "Mas o que é isto, é grande, é uma fábrica... não, é impressionante, é enorme..." e depois, as cartinhas em recipientes de plástico, são separadas para pequenos escaninhos. Em seguida, existem diversos serviços... para recepcionar as cartas registradas... quanto aos valores declarados, encontram-se em uma sacola com uma etiqueta vermelha, são chamados "vermelhos" ou registrados e são separados por alguém de grau superior: AXSG, agente do serviço geral que faz tal separação em um gabinete e todas essas cartas ficam inscritas em um caderninho que deve ser assinado pelo destinatário, no momento da distribuição.

Permanecemos em uma posição fixa, em pé. Diante do mecanismo, durante quatro horas, fazemos a triagem do 15º bairro de Paris, é a única coisa que temos a fazer. E preciso conhecer, está vendo, como a *rue de Vaugirard* é... um carteiro não pode distribuir do nº 1 que fica no 6º bairro até a *Porte de Versailles*: trata-se de uma rua que atravessa vários bairros, digamos, o 5º e o 12º... o 14º, o 20º e é preciso saber que tal rua corresponde a tal número de escaninho.

— Já está um pouco separado o que chega em cima da mesa de abertura ou encontra-se aí correspondência para toda a cidade de Paris?

Danielle — Tudo está separado para o 15º bairro, mas existem também erros; por exemplo, cartas que devem ser distribuídas pelos carteiros do 17º bairro chegam ao 15º, são os "falsos endereços", ou então, cartas em que o remetente não dá uma indicação correta, por exemplo, colocou *boulevard Raspail*, Paris 15.

— Você trabalha com quantos escaninhos?

Danielle — 66 e mais três "zonas", além das "circulares", do "sedex", dos "falsos endereços"... eu diria 75 escaninhos, e é a mesma coisa com os meus colegas; ao contrário, há um outro serviço, isto é, o serviço "chegada e partida" e nós estamos no serviço "chegada". Quanto ao serviço "partida", encontra-se em um anexo; aí, tudo é automático: existem PIM, HM (...), além de uma Toshiba que são máquinas, computadores; nesse caso, bate-se o código — por exemplo, o agente digita o index 75014 e há uma rejeição... isso acontece com os HM (...) em... não consigo explicar-me bem... e depois há um saco plástico que se fecha a vácuo. Isso é o serviço "partida".

— E você fica todo o tempo em pé?

Danielle — Sim, agora deram-se conta porque há pessoas que têm uma certa idade, estão há bastante tempo no serviço da noite e têm problemas nas pernas; já têm sido consultados angiologistas e tudo o mais... e deram-se conta da utilidade de um tamborete adaptável aos escaninhos, mas não é assim tão fácil porque se trata de velhos escaninhos; poderiam arranjar novos escaninhos, mas há um número demasiado grande de divisões, isso ocuparia muito espaço. No entanto, existe o projeto de adaptar os assentos apropriados aos escaninhos; então, por vezes, colocam dois tamboretos — você está vendo dois tamboretos de bar — um sobre o outro, e assentamo-nos nisso, ficamos relativamente cansados.

— Há alguma interrupção?

Danielle — Há uma pequena pausa entre quinze para uma hora e duas horas para comer alguma coisa ou, então, descansar.

— E os colegas, quantos são?

Danielle — Uns trinta.

— Você conhece todos?

Danielle — Sim, digamos que há mudanças, mas já os conheço há bastante tempo... há um clima, acabamos por criar simpatia... tenho mesmo um colega que é um grande filatelista, adora as histórias em quadrinhos, tem várias paixões.

— Pode vir a ser coletor... depois primeiro-ministro, tudo isso...!

— Entre vocês, existem chefes?

Danielle — Sim, porque há vários graus, bom, o menor grau é auxiliar, nem é mesmo um grau, depois carteira, carteiro... em seguida, agente ou AXDA... e depois o CDTX que é o chefe, controlador do encaminhamento, controlador dos carteiros, mas é um chefe; então, existe o CT, con-

trolador do serviço geral, como Serge, mas é um cargo de "escritório"; temos ainda o controlador dos responsáveis pelos diferentes setores CTDIV e... tudo isso se encontra abaixo do cargo de inspetor.

— E todos estão aí junto com você?

Danielle — Sim, sim. Alguns estão.

— Mas não fazem o mesmo trabalho?

Danielle — Não, não, eles dirigem, escrevem... cada qual tem a sua tarefa bem determinada, mas o CTDIV encontra-se abaixo do inspetor e acima do CDTX e depois temos o inspetor e é tudo... porque o inspetor central trabalha durante o dia; quanto ao coletor... aí, trata-se de uma posição importante... depois pode vir a ser coletor... [não acha a palavra], depois primeiro-ministro, tudo isso!

— Como é que os chefes se comportam com você?

Danielle — Bem, são bastante corretos, digamos que procuro fazer meu trabalho; há inconvenientes e vantagens como em qualquer ofício.

— Quando me levanto, cai a noite

— Sobre tudo em sua vida conjugal...

Danielle — Sim, porque nos vemos... nos vemos, digamos que se Serge trabalhasse à noite, seria mais conveniente; mas, trabalhando de dia, enquanto faço o serviço da noite, nos vemos com menos frequência, somos levados a nos ver menos vezes. Já estava trabalhando à noite quando conheci Serge; aliás, ele sempre me conheceu no serviço da noite.

— Quer dizer, você fica em casa uma noite em três...

Danielle — Sim, mas consigo adaptar-me; mesmo assim, não é possível viver como alguém que... Ainda agora, você está vendo, não retomei meu ritmo [há três semanas que se encontra em licença por doença,

por causa de uma cirurgia]. Ainda não consigo dormir durante a noite.

– E durante as férias?

Danielle – É a mesma coisa: minhas horas de sono são de sete horas da manhã às três horas da tarde. Digamos que, por vezes, em pleno inverno, nunca vejo o sol já que, ao me levantar... não na obscuridade... não é o caso, mas quando me levanto, a noite está caindo; depois vou trabalhar e quando volto... continua sendo noite; há ciclos em que as coisas se passam assim.

– Nesse caso, você nem chega a ver seu marido!

Danielle – Mas, com certeza, ele trabalha perto, tem bons horários, consigo vê-lo. E depois trabalha em equipe, durante a manhã ou na parte da tarde; por exemplo, esta manhã estava livre e, agora, está trabalhando. Tem horários: seis horas da manhã – meio-dia e meia hora, e 12 horas – 18 horas 30; o momento mais crítico é quando está livre de manhã e tem de trabalhar na parte da tarde: quando chego, estou cansada, e ele se levanta; tenho dificuldade em falar, ele deverá sair ao meio-dia; até que poderia levantar-me, preparar-lhe a refeição, mas não estou em condições de fazer isso e ele vai sair precisamente no momento em que eu estaria acordando. Não se trata de uma obrigação [preparar-lhe a refeição], mas ele é de tal forma simpático, um homem é um homem, digo para comigo: “Bem, não vai saber como... mas sim, sabe o que pretende comer”, mas sempre a vontade de ser prestativa. *[Evoca as dificuldades que o nascimento de um filho acarretaria.]*

Há mulheres casadas com filhos que trabalham no serviço; para evitar pagar empregada ou creche, há um dos dois que passa a noite em casa, e o outro fica durante o dia; e aquele que trabalha à noite, recupera-se durante o dia – isso é frequen-

te no nosso serviço. Pessoalmente, comecei a adaptar-me, sou muito chegada à família. Meus pais eram tudo para mim, eu os adorava; gostava do campo e do verde, senti muito essa falta, e em Paris, estava sufocada, enquanto que neste lugar *[em Ullis]*, digamos que fica a 30 quilômetros de Paris, não é assim tão longe... não é verdadeiramente o campo, mas fica no meio.

Permaneci no Aveyron até os meus 20 anos, continuei os estudos em Rodez, que é uma cidadezinha, fazia secretariado, uma espécie de empregada de escritório, secretária, mas é verdade que se tratava de uma cidadezinha; em relação à cidade grande, Rodez é uma aldeia. Para mim, a fazenda era uma coisa que me agradava, mas... aí, na casa de meus pais, a vida é demasiado penosa, não é possível se modernizar, teria sido necessário... bem, reformar a casa... mais conforto... teria sido necessário... ainda não é bem isso... mas tratava-se de uma fazendinha! O lugar é muito acidentado e depois, outrora, eles viviam bem porque faziam sua horta, mas agora com as frutas de Espanha, o Mercado Comum jogou tudo por terra... e depois uma mulher... bem, isso teria sido agradável para mim... mas que fazer? Meus pais disseram-me: “Não é que a gente esteja querendo jogar você fora de casa, mas é preciso que você tenha ambição, faça concursos”; e depois, nessa época, eles recebiam um jornal e vi: “Estamos precisando de tantas pessoas, dirigir-se a tal organismo”; escrevi, enviei minhas informações, tudo isso...

– Você nem sabia que se tratava dos correios?

Danielle – Mas com certeza, estava bem claro. O jornal era *Centre-Presse* ou *Midi-Libre*, já não sei. Inscrevi-me, fui a Rodez e fui admitida. Tive de fazer uma visita médica e disseram-me: “Você será nomeada carteira em Paris”, sem indicação

de bairro; tinham perguntado qual era a região que eu preferia – Ruão, Norte, Il-de-France ou Leste; então, marquei Il-de-France: fiquei na região parisiense e somente três meses antes de ser nomeada é que fiquei sabendo o bairro: “Você deve apresentar-se, dentro de 15 dias, na 15ª região”, e fui para Paris dessa forma.

A chegada a Paris

Danielle – No começo, fiquei dois dias em casa de minha tia em Saint-Denis *[mulher do tio de Danielle, proprietário de um bar-restaurant em Saint-Denis, depois em Roissy e que se encontra na região parisiense há mais de 30 anos; conservou uma casa perto da moradia dos pais de Danielle onde costuma passar algumas semanas durante o verão e a Festa de Todos os Santos; está sendo reformada para maior conforto pois pretende morar nela quando estiver aposentado]*. Foi o Senhor Reyrolle *[um vizinho ligado à família]* que me levou à estação ferroviária de Rodez, sentia um grande desgosto, tinha apenas 20 anos, dizia para comigo: “É preciso ganhar a vida, então mesmo que haja um pequeno desgosto...” mas o que se passou foi depois: meus irmãos e irmãs viviam suas vidas, encontrei-me sozinha em um estúdio para enfrentar os problemas da vida, entrar para a vida ativa, um montão de coisas desse tipo, estava um pouco perdida. Mas, mesmo assim, recebia a simpatia de colegas, arranjava companhia para sair, nunca ficava só durante os fins de semana, mas sim, por vezes... no entanto, tinha... não amigos... mas pessoas conhecidas que me acompanhavam quando eu saía para dar uma volta.

– Estou me lembrando que você tinha estado em um lar...

Danielle – No início, estive no lar de acolhimento dos correios, *boulevard Pasteur* – trata-se de um lar que acolhe durante

três meses, mas depois é preciso se virar: é a chegada a Paris. Depois estive em outro lar que acolhe as pessoas durante um período mais longo, éramos apenas quatro; em seguida, como há sempre outras pessoas que chegam, é preciso ceder o lugar aos novos. Quando a pessoa se sente adaptada à vida de Paris, deve procurar um alojamento: andei à procura de qualquer coisa... um pequeno apartamento... acabei encontrando um pequeno estúdio... onde me sentia aborrecida... era lúgubre dentro dele, *rue Firmin-Didot* no 15º bairro, perto da *Porte de Versailles*... um enfado... em seguida, fiquei na *rue Blomet*, depois eu me mudei para a *rue Saint-Lambert*...

– Por que razão você mudava tanto?

Danielle – Porque, no primeiro alojamento, eu me entediava, não havia luz, nem ar suficiente; era no terceiro andar; tinha acesso por elevador, mas era triste; não consegui me adaptar. Depois, estive em um quarto de empregada; então aí, nem sombra de conforto. Em seguida, disse para comigo: “É muito lindo servir-me do banheiro de Yvette *[sua irmã, gerente de um bar]*, mas acaba aborrecendo, tenho de encontrar outra coisa”, mas antes... para conseguir a devolução da caução do primeiro estúdio, tive de pagar, durante algum tempo, dois aluguéis: o quarto de empregada e o outro aluguel. Morei em um quarto de empregada, vivi aí durante um ano e depois um colega disse-me: “Dany, encontrei um estúdio por um preço bastante razoável que conviria a você; se quiser, pode ir visitá-lo”; respondi OK. Aí havia conforto, uma cozinha, um recanto-sala que, ao mesmo tempo, servia de quarto, um recanto para arrumações e o banheiro; fiquei aí durante algum tempo; depois travei conhecimento com Serge, mudamos para um alojamento com 2 quartos na *rue Desnouettes* e, em seguida, viemos para aqui.

Uma espécie de tranquilizante

– Será que você ainda se lembra de suas impressões nas primeiras semanas que passou em Paris?

Danielle – Não me lembro muito bem na medida em que era mais jovem, ainda não tinha uma visão; se tivesse de recomençar agora, seria mais difícil, mas na época... um pouco despreocupada... disse para comigo: “Vou conhecer outras pessoas, vou me casar, conhecer o príncipe encantado”; eis uma atitude um pouco doidivanas; então, quando cheguei... mas já tinha vivido em Rodez, portanto, já tinha conhecido uma cidade. Via Paris... sim, como uma cidade muito bela mas para alguém do interior que vem para visitar; na época, teria vindo como turista, teria ficado na casa de amigos, durante dois, três meses para visitar todos os monumentos, todos os museus, todos os lazeres que existem em Paris, aproveitar o máximo a estada, teria apreciado, mas aí, via Paris... vou dizer para você... porque – talvez, no momento da chegada, mas não agora – na época, temos sempre a esperança de acontecer uma mudança, estamos na expectativa, já que nos dizem: “Você é estagiária”. Vai ser preciso um ano para conseguir efetivar-se no cargo, então disse para comigo: “Bem, durante um ano, vou fazer um ano de sacrifícios e depois volto para a minha província natal”. O que não é uma boa solução porque estamos apenas de passagem, então não apreciamos devidamente as coisas, achamos que está demorando a passar o ano para poder voltar ao torrão natal, à região de origem... tudo isso. No começo, para nos animar, a administração induz-nos no erro com uma espécie de tranquilizante. É um pouco de chantagem. Então, não queremos nos adaptar porque nos dizem: “Vamos ter que nos acostumar com o interior; talvez, não vamos conseguir a mudança que desejamos, na aldeia de nossos pais, ou então vai ser

preciso esperar muito tempo”. Tudo isso leva a refletir e depois ficamos planando, planamos bastante. A minha visão de hoje não é a mesma de 1976.

– Nessa época, sua mãe me falava sempre de sua sacola...

Danielle – Sim, tratava-se de uma sacola com braçadeiras. Atualmente, os carteiros têm carrinhos para fazer a distribuição nas proximidades, ou servem-se de depósitos. Há ônibus dos correios que nos transportavam até o lugar da distribuição: isto é, colocávamos metade do que havia para distribuir em uma sacola e alguém, o motorista, levava essa sacola até determinado número de porta que correspondia à tal metade do meu trajeto. Por exemplo, se fazia a *rue des Bergères*, começava a encher minha sacola até esse nível e, a partir daí, minha sacola ia ficando vazia; então, recuperava a correspondência na outra sacola que tinha sido deixada por esse motorista. Era eu que fazia a triagem do meu setor, mas é verdade que era... e depois eram três vezes por dia! Trabalhávamos todas as manhãs, era preciso se apresentar no trabalho às seis horas; quando chegávamos com atraso, era preciso dar explicações – o que chamam registro de ocorrência – à força, o que implicava uma nota ruim; isso engendrava um montão de coisas. Trabalhávamos todas as manhãs e uma tarde de dois em dois dias; o dia mais horrível era quando tínhamos de trabalhar de manhã e à tarde, fazíamos três giros sendo um deles com os avisos, mandatos, cartas registradas, valores declarados, ou coisas parecidas, ou seja, coisas importantes.

– É quase mais difícil do que o serviço da noite...

Danielle – Sim; quanto a Serge, gostaria que... mas onde era mesmo bom, fique sabendo, é o carteiro: apresenta o calendário aos particulares e aí recebe uma pequena

compensa nada nefasta no fim do ano, não um décimo terceiro salário, mas... encaminhávamos o calendário por três ou quatro francos e o apresentávamos às pessoas que o aceitavam ou não... mas davam uma pequena gratificação de 50 ou 100 francos – isso dependia do orçamento da pessoa; e todo esse dinheiro ficava no nosso bolso. No fim do ano, isso representa um pé-de-meia; em vez de receber o décimo terceiro salário, isso era uma es-

pécie de décimo terceiro salário. É uma soma apreciável quando fazemos o serviço de dia.

– Mas será que isso rendia mesmo bastante?

Danielle – Oh não! E depois é preciso gostar dessa história de se fazer de mendigo, é uma coisa especial; não se deve ter vergonha de ir à direita e à esquerda; realmente, não é uma coisa fácil.

Novembro de 1990

No decorrer de nossa primeira entrevista, Danielle aceitara pedir autorização para que, durante seu serviço, eu pudesse ir ao centro de triagem da *rue d'Alleray*; no entanto, ficou um pouco admirada com minha curiosidade, dizendo-me que “nada mais haveria para ver” do que o que me tinha descrito, mas que o centro que tratava dos cheques estava informatizado e seria muito mais interessante para mim. De qualquer forma, T.M., controlador do encaminhamento, seu chefe direto, estava nesse momento em férias e seria preciso esperar que estivesse de volta na medida em que a pessoa que efetuava o mesmo serviço, em alternância, era um “obcecado pelo trabalho”: assim, de forma amável, ela dava-me a entender que tal visita era completamente inabitual e, portanto, deveria ser negociada.

Duas semanas mais tarde, ligou-me, precisamente antes de começar seu serviço, sem dúvida do aparelho de T.M. De saída, antes mesmo de evocar o objeto de sua ligação, falou-me, longamente e sem razão aparente, da próxima vinda a Paris de um vizinho do Aveyron – apenas um conhecido, tanto para ela como para mim, mas “um dos melhores amigos de [seu] chefe” (ela sempre o designou assim quando se dirigia a mim, mas habitualmente o trata pelo nome, como faz com os outros “separadores”). Evocar, de passagem, o estatuto de “chefe” de T.M. permitia-lhe, ao mesmo tempo, afirmar suas relações com um superior a quem ela podia pedir um favor e exprimir seu orgulho em fazer parte, mesmo em um posto subalterno, de uma instituição que conta uma hierarquia complexa de chefes, do menor e mais familiar (que chega a ter elos com a aldeia de onde ela é natural) até o mais poderoso e inacessível (“até o primeiro-ministro”). Ao falar de seus chefes e um pouco em nome deles, ela estava abrigando-se também atrás da opacidade da instituição.

Por ocasião da primeira entrevista, já tinha notado que ela ficava incomodada ao contar sua vida em Paris e desviava sempre a conversação para voltar a nossas lembranças do Aveyron, às notícias recentes de seus pais ou de outros habitantes do vilarejo. Introduzia, assim, o "torrão natal" em seu universo parisiense, fazendo penetrar um pouco da pequena comuna do Aveyron na estação de correios da *rue d'Alleray*. Citar o nome desse vizinho e informar-me de sua amizade com T.M. contribuía para fazer do centro de triagem postal do 15º bairro um lugar que se tornaria mais familiar para mim e atenuava a incongruência de meu interesse por seu trabalho...

Tínhamos combinado encontrar-nos diante da porta nº 19 da *rue d'Alleray*, sede da estação de correios, às 21 horas; disse-lhe que estaria com um amigo. À noite, esta rua do bairro *Vaugirard* está completamente deserta; os minimercados e, até mesmo, os bares fecham bem cedo; além disso, como não tem ligação com qualquer lugar de animação noturna, são bastante raros os carros que passam por aí. Vimos apenas os grandes caminhões postais amarelos balançando com estardalhaço na calçada deformada pelas obras de reforma. O grande prédio quadrado com janelas gradeadas pareceu-nos, por contraste, violentamente iluminado em seus três andares. Danielle estava à espera, já tinha "assinado o ponto" – portanto, "não havia qualquer problema"; no entanto, eu sentia que estava enervada, simultaneamente, volúvel e intimidada. Contornamos o prédio pelos fundos até o pátio de descarga dos caminhões postais que, durante toda a noite, entregam a correspondência destinada ao 15º bairro.

No térreo, é feita a separação da "política", isto é, durante a semana, os jornais diários aos quais se acrescentam, em determinados dias, as revistas e, de maneira geral, a imprensa periódica...

Danielle trabalha no primeiro andar; é aí que se efetua a triagem das cartas; para chegar lá, é preciso subir uma escada em ladrilho amarelo e cinza, tal como é possível encontrar em inúmeras administrações; no patamar, no meio da subida, existe um painel sindical onde estão pregadas folhas mimeografadas e pequenos cartazes.

Nessa noite, Danielle vestia jeans bem apertados, um amplo pulôver branco com grandes desenhos pretos, sapatos pretos com pequenos saltos. Seus longos cabelos cortados de forma degradada estão penteados "à la lionne" em volta do rosto e mostram sinais de um tratamento destinado a clarear algumas mechas. Ocupa um posto no início do vão: à sua direita, uma colega originária de Villefranche-de-Rouergue com a qual "fala a respeito da sua região"; e à sua esquerda, uma jovem de Vienne que "conhece Segondy" por ter sido convidada para o casamento em 1985 – tal proximidade foi pacientemente conquistada no momento de mudanças ou ausências de colegas menos desejados ou de benevolentes auto-

trações... nesse dia, estavam trabalhando 21 pessoas (o número pode chegar a 11, segundo as faltas, férias ou substituições), das quais 75% eram mulheres: são todos jovens, de 20 a 35 anos; há realmente um velho de "40 anos" na equipe, mas não estava lá nessa noite. Alguns usam uma blusa azul de *nylon*, fornecida pela administração, cuja utilização não é obrigatória, mas muitas mulheres estão com jeans e blusa ou pulôver. Tal ambiente de trabalho constitui uma oportunidade para estas, assim como para Danielle, testarem um novo penteado ou pulôver.

A sala de triagem é bastante grande – 40 metros de comprimento por 25 de largura e sete ou oito de altura – e está dividida em três vãos por duas filas de colunas. Neste ambiente, Danielle parece, de repente, estar bastante longe, perdida nessa "fábrica" intemporal, pequena silhueta na cadeia dos "separadores", em pé durante toda a noite, já que não está previsto qualquer assento ou barra de apoio. Tudo está pintado em cinza escuro até um metro e 50 do chão e, daí para cima, em cinza mais claro. O ladrilho é também cinza; quanto à iluminação baixa, difundida por tubos de néon encaixados em apliques retangulares de vidro bastante espesso, parece tanto mais parcimoniosa na medida em que somente o vão central (no qual é feito o trabalho à noite) é iluminado, ficando os outros dois na obscuridade. Os vãos de direita e de esquerda servem para separar as cartas de cada zona nas sacolas dos carteiros; nesse caso, cada separador trata das cartas que, no dia seguinte, serão distribuídas por dois carteiros, sendo que o vão da esquerda abriga, igualmente, a "cabine" na qual é feita a triagem dos "valores" e das cartas registradas. Existem ainda alguns cartazes pregados nas paredes, uma gravura com a representação anatômica da coluna vertebral e uma outra que ilustra, com a ajuda de desenhos, a maneira correta de empurrar um carrinho – no entanto, ambas essas gravuras estão colocadas tão alto que são ilegíveis. Em um recanto, à direita da entrada, cabides carregados de anoraque e casacos. Diante do vão central, encontra-se o "escritório" sem qualquer separação em relação à sala: duas mesas, um aparelho de telefone e três poltronas em corino, com braços metálicos, tudo isso bem gasto, apresentando como únicos elementos de decoração um calendário amarelo e branco dos correios, e um cartaz com um veleiro tendo como fundo o mar azul; são os únicos assentos existentes nesta grande sala, privilégio do chefe, mas que não foram utilizados durante a nossa visita. Alguns anos atrás, um chefe tinha começado a elaborar um projeto para tamborete giratório para os separadores. No entanto, tal plano não se concretizou antes de sua saída e depois ninguém quis retomá-lo: "Seria necessário, diz T.M., mexer com muitas coisas, convencer a administração, mas ninguém se ocupa do assunto. Somente uma greve..." acrescenta, baixando a voz.

Quando chegamos, os "separadores" já tinham ocupado os respectivos postos de trabalho, de um lado e do outro do vão, em pé, diante de seus 66 escaninhos metálicos verticais (devem seguir um ritmo de 1.500 cartas por hora); cada esca-

ninho corresponde à correspondência relativa a uma rua ou, mais frequentemente, uma pequena parcela de rua. O conjunto desses escaninhos é encimado por um pedaço de papelão com os nomes das ruas do bairro, e colocados tão alto que não é possível decifrá-los. Tudo apresenta o aspecto de abandono, um pouco poeirento, de uma fábrica desativada.

À direita do “escritório”, diante dos elevadores, as quatro pessoas que trabalham na “mesa de abertura” já começaram a abrir os primeiros sacos postais; estão também em pé. A mesa sobre a qual perto de 30.000 cartas serão tratadas nessa noite tem apenas dois metros de comprimento por 60 centímetros de largura. O correio destinado exclusivamente ao 15º bairro (porque separado de dia nas outras estações de correio) é distribuído por “zona”, em “caixinhas” para as cartas menores ou em grandes carrinhos metálicos para os envelopes maiores. Cada “separador” vem buscar as caixinhas correspondentes ao seu setor. T.M. não perde tempo com a nossa conversa, tem o costume de ajudar a começar a abertura e não quer que nossa visita seja a ocasião de uma exceção. É perto dessa mesa que se encontram colados, em um velho armário, os postais coloridos, lembranças de férias e, sobretudo, pregado em um dos pilares, o “calendário dos viajantes” da SNCF que indica os dias em que é possível viajar com tarifa reduzida. Nessa imensa sala, é o único lugar reservado aos empregados. Um aparelho de som enrouquecido difunde música, provavelmente um número de *rock* impossível de ser reconhecido com o ruído dos carrinhos, repletos de grandes sacos poeirentos, que se entrecrocavam e são transportados pelos manutencionistas que os tiram dos elevadores com grande violência.

Em várias ocasiões, Danielle veio nos ver para se desculpar por “não poder nos falar”; no entanto, ainda não era muito abundante o volume das cartas que tinha de tratar e, visivelmente, T.M. não teria protestado se ela não estivesse em seu posto. Tão incomodada por nos deixar sós, quanto por nos falar, bruscamente assustada por esta intrusão que tinha apenas pressentido, ela adotava um meio-termo, garantindo-nos com convicção que, na realidade, não podia nos falar, e depois voltava, toda ruborizada, para o lado da colega.

Michel B., moreno, de baixa estatura e com bigode, com 60 e tantos anos, é controlador divisionário e o superior hierárquico de T.M.; passou toda a sua vida profissional nos correios, no serviço da noite. Observou-nos, durante algum tempo, sem ousar entabular a conversação, fazendo idas e vindas no vão, olhando para todo o lado, agitado e silencioso. Sendo impossível continuar a evitar-nos, acabou por exclamar: “Ah! a imprensa”. Se era isso o que desejávamos, ele poderia tomar um pouco de tempo para nos levar a visitar os locais, pretexto para nos afastar da cadeia de triagem para evocar algumas lembranças.

Ainda se lembra de sua chegada a Paris: tinha, então, 18 anos quando, um dia, desembarcou na estação ferroviária de Austerlitz, tendo deixado Saint-Jean-de-

Luz, sua cidade natal, com a mala na mão; teve de procurar o caminho do Ministério dos Correios e, ainda mais difícil, encontrar um quarto. Diz-se que, atualmente, os lares de acolhimento facilitam um pouco a vida dos jovens que chegam pela primeira vez a Paris; mas ele não tem a certeza disso. As coisas não mudaram assim tanto: as moças que trabalham no serviço da noite, acrescenta ele – todas do interior ou dos departamentos ultramarinos – muitas vezes, em Paris, apenas conhecem a estação ferroviária que faz ligação com a respectiva região, seu trabalho e seu quarto. Chegam da Bretanha ou do Sudoeste, encontram-se pela primeira vez longe dos pais, têm medo e vivem na expectativa de alguns dias de férias que foram acumulando para voltarem à terra. Os “separadores” trabalham duas noites em cada três, de 21 a cinco horas da manhã (os chefes, uma noite em cada três, de 21 a nove horas) e nunca o sábado; no entanto, utilizando as “substituições”, podem adicionar um número de dias suficiente para passar algum tempo na “província natal”. Essas vantagens explicam que, para o serviço da noite, todos sejam voluntários porque não implica, de saída, uma partida sem retorno.

Ao chegar a Paris, esses jovens interioranos (a maior parte das mulheres trabalha no setor da triagem postal) não sabem que nunca mais hão de voltar e, durante anos – como tinha acontecido a Danielle – alimentam o sonho de um posto em sua aldeia. Pouco a pouco, descobrem que se trata de um engodo já que seria preciso esperar dez anos no mesmo posto, isto é, sem promoção, para surgir a eventualidade de se aproximarem de sua terra (sobretudo se a pessoa vem do oeste da França ou da Martinica: “As martiniquenses nunca chegam a voltar”).

Danielle já está há 12 anos em Paris; casou com Serge, há sete. A mãe de Serge, “mulher bastante autoritária que controla até a poeira”, vem, por vezes, passar o dia em casa deles; no domingo, vão almoçar, muitas vezes, em casa de Yvette, irmã de Danielle, que é gerente de um bar em Paris. No sábado à noite, que está sempre livre, dão uma volta com amigos. Por seu lado, Danielle segue de perto as atividades das associações dos municípios do Aveyron, existentes em Paris. Assim, há pouco tempo, passou um fim de semana “sozinha, sem o marido” na “festa de Pailherols” onde “reatou com sua juventude”, participando de seus dois banquetes e dos bailes.

Algum tempo depois desta visita à *rue d'Alleray*, Danielle confessou-me por telefone que “as coisas não iam muito bem” entre ela e Serge: há um certo tempo, “ela estava vendo tudo negro”.

Rosine Christin

A posse

Corinne tem 50 anos. Depois de ter sido, durante mais de 15 anos, secretária bilingüe em uma pequena empresa industrial que faliu, arranhou emprego, há dois anos, em um sindicato profissional. Recebe um salário menos elevado e teve de renunciar a um status de executivo que tinha representado, durante muitos anos, um desafio em seus conflitos com o patrão e o símbolo de uma dignidade, incessantemente, desprezada.

Fala pouco a respeito de seus pais que eram imigrantes italianos; o pai era "ajudante de pedreiro" e, quanto à mãe, já não se lembra bem qual era seu ofício: "professora em uma família", afirma com certa pressa. Quando era criança, "não tinham nada"; mais tarde, depois de seu casamento, "quis adquirir coisas", ganhar dinheiro, "subir", "lutar". "É difícil, mas isso impõe-nos uma certa disciplina para podermos avançar".

Com 20 anos, depois de passar no vestibular e fazer um ano de direito, Corinne casou-se com um piloto de caça que, no momento desta entrevista, já havia falecido. Durante mais de dez anos, ela o acompanhou em suas numerosas mudanças e criou os dois filhos. Mas quando ele renunciou à vida militar para ocupar um posto civil sedentário, com um salário e vantagens materiais menos importantes, ela procurou um trabalho. Nessa época, tinha 31 anos; encontrou um emprego de escritório perto de casa, fez um curso de inglês na escola Berlitz e um curso de datilografia. Um diploma de estenodatilógrafa e um exame da Câmara de Comércio Franco-Britânica permitiram-lhe ter acesso ao posto de secretária de direção de uma pequena empresa em uma época em que a busca de trabalho ainda não era muito difícil. Dez anos mais tarde, a empresa foi comprada por Roger G., antigo contador em uma gráfica de Argel, uma espécie de "Tapie ou Maxwell em miniatura" que, de dois em dois anos, comprava pelo franco simbólico sociedades em liquidação, "a fim de conseguir dinheiro vivo".

A sociedade *holding* compreendia uma quarentena de empregados e funcionava sob uma forma autoritária e paternalista, atitude frequente nas pequenas

empresas. Roger G. repetia com toda a naturalidade: "Em nossa empresa, somos uma família e vocês devem viver com a família". Pouco tempo depois de ter entrado na empresa, ele a assedia, mas é repellido. Foi o começo de "cinco anos de inferno": mesclando o trágico com o ridículo, relata as ameaças de demissão ("Gostaria de pôr você na rua"), as humilhações públicas ("Ela é muitíssimo bem paga!"), sua exclusão do grupo dos executivos, sua relegação ao "nível das oficinas", todas as pequenas repreensões suportadas em cada ocasião e, sobretudo, a pressão cotidiana, o medo de errar. Se "disse uma piada, ele não deixaria passar isso em claro, tratava-se de uma verdadeira guerra (...) que durou muito tempo".

Ela "viviu em um mundo à parte" (...): "Nessas pequenas empresas, o patrão é alguém!", "Era preciso obedecer". Todos eram maltratados, mas ninguém protestava, ninguém pedia a conta porque Roger G. "pagava bem". Era, simultaneamente, a medida e o exemplo de qualquer sucesso, temido pela sua dureza, mas admirado por um *savoir-faire* firme e reconhecido. Ela não podia esperar de seus colegas ajuda, nem reconforto: todos eles tinham medo. Chegou mesmo a ter a impressão de que algumas mulheres tinham um certo prazer em suas dificuldades ("Mas o que é que esta pensa que é?"). Um status de executivo um pouco ambíguo protegia-a de uma demissão que ficaria demasiado onerosa para a empresa, mas a constrangia, para justificar sua condição e salário, a um esforço cotidiano e a uma atitude profissional irrepreensível. Para Corinne, assim como para Roger G. – que foram progredindo na vida sem verdadeira formação – tudo se paga, é preciso "lutar" para ter sucesso. Falar de "assédio sexual" como faziam as "pequenas secretárias", seria uma escapatória demasiado fácil, uma forma de renegar suas competências e dignidade. Não se queixa, nem procura vingar-se; exige um pouco de justiça por sua boa vontade em pretender entrar também ao jogo do sucesso.

"Não tenho outras paixões fora", diz ela para explicar sua obstinação pelo trabalho e justificar a pouca atenção que prestava à sua vida privada. E, a despeito de todas as mágoas pequenas ou grandes, ou talvez por causa delas, a vida de escritório fornecia-lhe as emoções ou os acontecimentos sentidos com mais vivacidade – como o medo, a humilhação – assim como o gosto pela ação e sucesso, e essa dependência ambivalente em relação a Roger G. que a mergulhava todas as noites em uma agenda sobrecarregada; ao lado de tudo isso, o seu papel na vida de "fora", demasiado previsível, parecia-lhe insípido, até mesmo "um pouco tristonho".

Bem depressa, tinha reconhecido em Roger G. essa mesma atração pela ação que era proporcional a uma virilidade expansiva e um sentido de honra sempre alerta. Do mesmo modo que comprava, umas atrás das outras, empresas falidas, assim também ele se apoderava dos homens e mulheres e impunha-lhes sua von-

tade e poder de homem e patrão. Todas as mulheres "tinham de submeter-se", da forma mais vulgar, mas cada uma segundo sua posição, desde a faxineira "deitada no carpete", a secretária "e seu pequeno presente" e a própria Corinne que tinha sido aliciada, de forma desajeitada, para uma relação sentimental: "Será que você me ama?" Corinne não era crédula e sabia que, para além do objeto aparente, o amor não tinha o menor interesse para Roger G. que procurava satisfazer um desejo de posse mais total, embora impossível de preencher.

E, de fato, os próprios homens não eram poupados. A vontade de submeter exprimia-se nas repreensões ou humilhações públicas injuriosas que acompanhavam a chantagem em relação ao emprego, salário e décimo terceiro salário. No entanto, Roger G. sabia também recompensar; "mestre a bordo", divertia-se a promover uns e isolar outros ao sabor de manobras estratégicas complexas e transitórias; além disso, sob pretexto de criar a "emulação", divertia-se a suscitar suspeitas e ciúmes, exercendo assim sobre a vida de todos um controle que ele gostaria que fosse exclusivo. Dotado de uma energia rara, Roger G. dispunha de todos os trunfos para criar um mundo fechado, ordenado inteiramente em volta de sua pessoa, tentativa desesperada no sentido de satisfazer um insaciável apetite de conquistas.

Com uma secretária

– Entrevista de Rosine Christin

“Ninguém pode tocar nesse gênero de indivíduo”

[...]

Corinne – Eu era sua secretária. Tratava-se de um senhor extremamente exigente que me dava bastante trabalho para fazer e era muito ríspido. Tinha uma amante titular. Portanto, durante dois anos, fiquei tranqüila... (...) Nessa época, as coisas iam mais ou menos... E, em seguida, abandonou essa mulher e passou a se interessar por mim; então aí, foi um horror. Mas fui mudada para outra filial, e aí fiquei por dois anos...

– Por acaso ou por vontade dele?

Corinne – Não, por acaso, porque eu sabia inglês e, nessa filial, faziam muita exportação; portanto, estive tranqüila. Mas depois, voltei à sede... e então, foi bastante difícil, era, se você quer saber... tive de suportar o assédio desse homem, eu não queria ir para a cama com ele porque não tinha desejo; então, isso se traduzia por... antes de tudo, um volume enorme de trabalho, ultrapassando muito a capacidade cotidiana de trabalho.

– Que tipo de trabalho?

Corinne – Por exemplo, tinha de fazer todo o faturamento, enviar as faturas, preparar os extratos, anotar as entradas de dinheiro, responder ao telefone...

– Quando ele poderia empregar alguém ou entregar determinadas tarefas a outra pessoa...

Corinne – Ou entregar determinadas tarefas a outra pessoa, mas... então como eu via que as coisas não iam bem, fui ver o meu superior hierárquico da época e dis-

se-lhe: “Se Roger G. pretende me demitir, pode fazê-lo; não posso agüentar as coisas desta maneira”. E responderam-me: “Não, queremos que você vá embora, mas sem ser demitida”.

[...]

Nem quero pensar, era uma angústia todos os dias. Eu chegava ao escritório, já estava atulhada de dossiês, ele me dizia: “Corinne, deixe-me ver tal dossiê”, era preciso que, imediatamente, eu tivesse a presença de espírito para lhe entregar o dossiê em alguns segundos. Vivía em uma angústia terrível. Posso dizer que, durante cinco anos, vivi... angustiada. Eu tinha uma *Quo vadis*, uma agenda, que estava sempre comigo. Até em casa, servia-me dela. Algumas vezes, meu marido comentava: “Que é que você faz com essa agenda, completamente borrada?”; porque pegava nessa agenda à noite, antes de adormecer, e recapitulava tudo o que tinha feito, tudo o que tinha para fazer no dia seguinte, com a intenção de ficar impregnada. Vivi assim durante cinco anos...! Então, efetivamente, eu trabalhava – é certo que isso não era fácil – tenho de confessá-lo, mas parecia-me... você está vendo...

– Mas, como você disse: “Ele passou a se interessar por mim”... será que continuava o tal assédio sexual ou...?

Corinne – Nesse momento, não. Porque, entretimentos, ele encontrava alguém. Porque... ia para a cama com todo o mundo.

Isso era uma regra. Não houve nenhuma jovem secretária que tenha entrado para essa sociedade, sem ter passado pela cama de Roger G. Isso era a regra. Então, nem que fosse por isso, eu nunca teria aceitado tal proposta. Mas, entretimentos, encontrou outra mulher com quem esteve vivendo, mas ela não lhe convinha; portanto, havia sempre essa agressividade em relação a mim, está vendo... Era uma agressividade intelectual, diria, contínua. Por exemplo, fiquei dois anos sem receber qualquer aumento pessoal. Como diziam as pessoas à minha volta, eu estava vivendo a minha “hora da verdade”. Mas era insuportável. Insuportável porque, está vendo, era contínuo. Era contínuo...

– E, por vezes, você ficava sozinha com ele em uma sala ou...?

Corinne – Raramente.

– Raramente.

Corinne – Ele manifestava sua agressividade em relação a mim diante de todo o mundo. É o tipo de homem que, um dia, mandou-me chamar em seu gabinete, diante de todo o mundo, já nem sei o que eu tinha feito – ele fazia isso, diante de todo o mundo, propositalmente para me vexar – e disse-me: “Tenho realmente vontade de te mandar embora”...

– Com que então, ele tratava você por tu...

Corinne – Tratava todo o mundo por tu. E respondi-lhe: “Pode fazê-lo, Senhor Roger”; e ele me replicou: “Sim, ainda que tenha de colocar duas pessoas em teu lugar, porque já não te suporto mais”.

– E ele nunca chegou a formular, a explicar o motivo?

Corinne – Não.

– Era sempre...

Corinne – Sempre implícito, dessa forma...

– Está certo, mas no início, passou-se alguma coisinha antes de você ser transferida para a primeira filial...?

Corinne – No início...

– No momento em que... você disse há pouco: “Ele passou a se interessar por mim”; o que é que aconteceu nesse momento?

Corinne – Enredou-se desta forma: um dia, ele me perguntou: “Corinne, será que você me ama?”; respondi-lhe: “Sim Senhor, como gosto da minha medalhinha”, foi o que lhe disse, “mais do que ontem, menos do que amanhã, mas – foi o que lhe disse – será sempre desta forma”.

– E qual foi sua resposta?

Corinne – Não disse nada, foi-se embora. Mas um dia, ele me disse: “Você vai se arrepender”. Mas não era um homem que estivesse apaixonado por mim, isso não tinha a mínima importância; era um *pied-noir* [pé-negro = nascido na Argélia] e, para se impor, tinha necessidade de levar para a cama as mulheres que encontrava. No trabalho, ele não gostava muito da competência das mulheres, isso não era...

– Suponho que, no fundo, isso não lhe interessava...

Corinne – Não. Nada mesmo. É isso. É bastante engraçado encontrar indivíduos como esse; isso não lhe interessava. No fundo, minha competência... ele teria preferido que eu tivesse ido para a cama com ele. Teria me deixado tranqüila e depois eu poderia ficar no escritório sem fazer nada. Durante dois anos e meio... porque, em geral, essa situação durava dois anos e meio. Mas era horrível e, neste momento, já esqueci muitas coisas porque depois perdi o trabalho, perdi meu marido; portanto, houve um montão de coisas que se passaram, mas posso dizer a você que esse gênero de comportamento existe – agora, em minha opinião, isso não existe nas grandes empresas, mas só nas pequenas. Porque nas grandes, se isso existe, há sempre a possibilidade de se virar com o

sindicato ou o Comitê de Empresa; na nossa, não existia nada disso.

Minha Senhora, deixe de cantarolar...

- E que pensavam os outros?

Corinne - Tinham medo. No fundo, entre as mulheres, devia haver algumas que, talvez, gozassem um pouco: "É bem feito para ela; o que é que ela julga que é?", ou coisas parecidas; entre os homens, a maior parte não abordava o assunto... tive certas vantagens quando fui transferida para a filial, essa mudança trouxe-me vantagens financeiras e cortesias...

- Por ter sido repreendida por ele e por ter recusado ir para a cama com ele porque todo o mundo sabia...

Corinne - Isso mesmo, mas sobretudo por ter sido - a moralidade na indústria não era assim tão... era indiferente para as pessoas que eu tivesse ido ou não para a cama - mas o lado injusto, o lado profissionalmente injusto, não no plano físico ou sexual, mas no plano profissional, creio que eles me diziam: "Mas isso não é possível, é preciso...". Tive um diretor que, um dia, me disse - tenho um caráter bem-humorado e, muitas vezes, fico cantarolando: "Senhora Corinne, deixe de cantarolar; felizmente, Roger G. não está aqui; se ele ouvir você, vai ficar um louco furioso". Era preciso conservar uma atenção contínua...

- Portanto, ele ficou durante cinco anos se lembrando da recusa, embora nunca mais tenha feito assédio?

Corinne - Não.

- Mas, no final de contas, ele esperava que, talvez, você viesse a ceder, que se lançasse aos pés dele... em um dia de baixo astral, ele pudesse recuperar você...

Corinne - É isso... é isso... e, até mesmo durante a liquidação de bens, portanto,

quando éramos um pequeno número, estávamos sob tutela do síndico, um administrador judicial - portanto, houve uma demissão em massa, apenas sobraram alguns para terminar os dossiês... um punhado de empregados. E até mesmo, nesse momento, em que, na realidade, não mudei de atitude, ele conservava sempre sua agressividade.

- Mas nesse momento, ele já estava na lona...?

Corinne - Ele já estava na lona e, mesmo nesse estado, ele me detestava porque dizia - sei que fez essa afirmação a determinados diretores: "Ela viu que a coisa estava acontecendo". É verdade. Mas não fui ao seu encontro para lhe dizer: "Senhor Roger, cuidado, estou vendo isto, vi aquilo"; não fiz nada. Nem era mesmo uma questão de vingança porque isso seria uma atitude suicida de minha parte. Eu teria ido ver Roger G. para lhe dizer: "Você sabe, Senhor Roger, há determinadas coisas que estou vendo que terão tal resultado"; ele teria convocado todo o mundo em seu escritório e teria dito: "Vejam só o que... a Senhora Corinne tem para nos contar..."; portanto, isso teria sido suicida para mim. Portanto, não o fiz. Mas isso foi assustador. Só para você fazer uma idéia: um dia, tínhamos um seminário, havia operários que tinham vindo da fábrica de Giens, das oficinas - mas não tenho nada contra as pessoas das oficinas - todo o mundo estava sentado à volta da mesa principal; quanto a mim, estava no fundo da sala com os operários da oficina, mas meu trabalho nada tinha a ver com essas pessoas. Mas quantas coisas parecidas! Enquanto todo o mundo estava sentado à volta da mesa - parece que ainda estou revendo a cena... - todo o mundo ia buscar sua pasta, mas não havia pasta para a Senhora Corinne. Ah! não; evidentemente, a pasta tinha ficado na sede. Ele me aprontou isso duas, três vezes...

- Por que razão ele não a demitia?

Corinne - Porque seria preciso pagar, você compreende, eu era executiva; ele não poderia me demitir. Mas para ele era pior das coisas me demitir, se me tivesse demitido, mas... até o fim, foi nojento em relação a mim. Na empresa, eu era a única secretária bilíngüe; quando ficamos sob a tutela do administrador, houve dossiês que foram tratados com a Nigéria, bastante complicados - era preciso negociar com a Lloyd, em Londres - enfim, isso exigiu bastante trabalho. Portanto, tratei desses dossiês até o fim e quando terminei, pedi, como tinha acontecido com os outros, que fosse liberada do aviso prévio, você está vendo... Já que todo o mundo tinha sido liberado do aviso prévio! Pois bem, ele recusou que eu fosse liberada do aviso prévio...

- Quanto tempo durava o aviso prévio?

Corinne - Suponhamos que a pessoa é despedida em 1º de fevereiro, fica com três meses...

- Ah! sim, enquanto você teve de esperar até o fim, quando quis ir embora...

Corinne - Isso mesmo! Para mim, foi no dia 8 de março ou coisa parecida que pedi para ser liberada porque todo o mundo já tinha sido liberado! Ninguém tinha efetuado o... mas ele não queria que eu fosse liberada.

- Será que ainda havia algum trabalho para fazer?

Corinne - Não. Nesse caso, eu chegava de manhã no escritório...

- Quantas pessoas ainda estavam trabalhando?

Corinne - Oh, devíamos ser cinco ou seis, ou seja, apenas os diretores gerais e

eu. Eu chegava ao escritório, sentava-me; havia uma carta para escrever, o que me dava cinco minutos de trabalho; então, levava meu radinho, lia durante todo o dia, mas não podia fazer outra coisa. Não é possível fazer nada contra isso. Em uma grande empresa, isso não pode existir. Mas as pessoas que nunca trabalharam nas pequenas e médias empresas não podem saber o quanto um empregado pode ser dependente de seu chefe hierárquico... Nem é possível fazer uma idéia. A pessoa fica absolutamente dependente dele que está por cima. Se a pessoa é correta, ainda vai; caso contrário, é o inferno porque não há Comitê de Empresa nas pequenas e médias empresas (...); muitas vezes, isso é horrível. A pessoa não pode... eu não podia me voltar contra... ninguém me ajudaria! Mas ninguém!

Seres malfazejos

- E as moças que iam para a cama com ele e eram postas de lado ao fim de dois anos e meio quando ele já estava farto...?

Corinne - Ah! não, não, cuidado! O período de dois anos e meio era para as amantes...

- Com que então, havia várias espécies...?

Corinne - Isso mesmo. Mas as coitadinhas, enfim... iam para a cama com ele...

- Ele nunca teve problemas?

Corinne - Nunca. (...) Ouça uma coisa, trabalhei com esse homem durante mais de dez anos, nunca vi ninguém ir embora. Antes de tudo, ele pagava muito bem seus executivos. Quanto ao pessoal subalterno, como estávamos na sede, não era numeroso... Ele me perseguia por uma razão - vou dizer a coisa pelo seu nome - era por uma história de transa.

– Sim, enfim, tinha ficado vexado com...

Corinne – Vexado, isso mesmo. E à minha volta, cheguei a ver em outras... tínhamos fábricas já que havia 1.800 assalariados no lugar onde eu trabalhava – havia mesmo filiais com fábricas – ouvi falar de mulheres que eram também re-preendidas. Isso passava-se ao nível de contramestre ou coisa parecida e aí não há qualquer recurso! Eu não tinha qualquer recurso, nenhum... Por vezes, dizia para comigo: “O que poderia fazer, não posso deixar-me levar sempre desta forma”, mas não tinha qualquer recurso... É uma coisa que não dá para explicar. Em determinado momento, eu estava em uma filial, ele veio fazer-nos uma visita, os escritórios estavam limpos e tudo o resto, convidou todo o mundo para almoçar, exceto eu. Porque era o patrão, logo abaixo de Deus. (...) Você sabe, esse gênero de pessoa que monta sociedades dessa maneira, tipo Tapie, Maxwell – em outro plano, mas no final de contas... – são pessoas que têm os defeitos de suas qualidades, isto é, levam uma atividade intensa, mas ao lado disso são seres malfazejos. Não é possível criar empresas dessa forma sendo bom, amável e... não! E depois eu trabalhava com dossiês que me aproximavam dele, mas havia, entre nós, dois diretores que serviam de pára-vento. Mas que, por exemplo, me diziam: “Não vá...”; então, havia grandes corredores e eles me diziam: “Fique no escritório, Senhora Corinne, porque Roger G. anda por aí, não saia do escritório”... não convinha que ele me visse!

[...]

Quando a gente ficava sabendo que Roger G. ia viajar! Ah! Era horrível, todo o mundo respirava fundo! Porque quando xingava as pessoas, quando chamava alguém

pelo interfone, todo o mundo ouvia, já não havia ninguém nos corredores. Já não era possível ver ou ouvir quem quer que fosse.

– Cada um no seu escritório, é isso...

Corinne – Porque todo o mundo sabia que a pessoa que fosse chamada ia apanhar na certa. Era terrível. Era terrível, oh foi no dia... oh vou contar uma anedota bem precisa. Um dia, estava chegando ao escritório às oito horas da manhã, fomos andando ao lado um do outro, não tinha nada para lhe dizer, chegamos à entrada onde havia uma grande embalagem – uma embalagem marítima, bastante resistente; ele começou a xingar e deu um grande chute na embalagem; foi algo mais forte do que eu, dei uma gargalhada porque o pé ficou preso na embalagem; poderia até mesmo quebrar o pé. Durante todo o dia, não falou de outra coisa: “Tirem daqui suas coisas, ela debochou de mim, vou mandá-la embora”, e aborreceu todo o mundo com isso! Mandou a contadora fazer a minha conta para ver quanto teria de pagar se resolvesse me demitir – mas deixou isso de lado porque teria sido demasiado caro. Enfim, é para situar a personagem. Todo o mundo ficou a postos durante todo o dia por causa disso... Sei que houve outras mulheres..., não vou acreditar que eu estivesse sozinha, não, não, não; por outro lado, houve uns coitados... ele foi e é sempre!... Será que alguém poderia fazer alguma coisa? Não, nada poderá ser feito seja lá por quem for porque agora ele tem um pequena empresa em Suresnes, mas ninguém irá vê-lo em seu escritório, se ele (...), se não der o décimo terceiro salário, se demite pessoas, está vendo, ninguém... ninguém poderá tocar nesse gênero de indivíduo.

– Qual era a formação dele?

Corinne – (...). Não tinha qualquer formação enquanto diretor, mas um espírito

extraordinário, uma capacidade de trabalho formidável, qualidades enormes; e eu lamentava isso porque, francamente, era um cara no plano... das idéias, conchavos, um montão de coisas, vigarices extraordinárias. Digo que era Tapie, Maxwell em miniatura. Mas... isso era interessante, sem parar, não largávamos um dossiê enquanto não estivesse resolvido.

[]

Para mim, era uma briga; agora, evito as brigas. Enfim, eu não queria ceder; nesse caso, ficaria doente ou coisa parecida, e então lutava, não queria aceitar, era algo de atroz. No entanto, havia uma empregada que estava encarregada, justamente, de reservar os quartos de hotel; um dia, cheguei a ver que ele praticamente estava batendo nela. Mas era terrível, terrível...

Seu apelido era pinto de zinco

– E o que pensava seu marido a respeito disso?

Corinne – Não estava ao corrente de nada!

– Você conseguiu ocultar isso?

Corinne – Nunca falei de meus problemas com meu marido.

– Mesmo assim quando você saía de casa de manhã...

Corinne – Nunca! Nunca falei de meus problemas em casa. Nunca. Nunca, nunca. Meu marido nunca soube de nada. Ele trabalhava em uma empresa americana, (...) e de um dia para outro foi demitido. (...) Um ano depois, entrou para *Matra-Informatique*... e não me falou disso. Ele não me falou disso. Não, não, isso não corresponde ao meu caráter.

– Talvez, você deixasse de pensar no assunto desde que chegava em casa?

Corinne – Mas com certeza que sim!

– Isso me impediria de dormir...

Corinne – Pelo contrário, eu dormia como – ah! isso mesmo – se tivesse levado pancada! Moída de pancadas! E sempre com a agenda debaixo do braço. Então isso, por vezes, meu marido me dizia: “Deixe para lá sua agenda”, eu marcava tudo. Tudo o que fazia em favor dessa gente, eu marcava tudo! Vivia no meu trabalho!

– Mas nesse negócio, no fundo, ele tinha razão... De um certo ponto de vista...

Corinne – De um certo ponto de vista, se ele não tivesse corrido atrás de mim como aconteceu... ele tinha razão. Ele chegava a fazer... porque o princípio do trabalho feito dessa maneira era para todo o pessoal; cuidado, eu não me encontrava sozinha nessa situação. Todos os diretores viviam uma situação parecida. (...) Sim! houve um momento em que minha filha me criticou, mas dez anos depois ela me disse: “Ainda bem que você deixou essa empresa porque você não se dava conta, mas outras coisas deviam contar, além de seu trabalho”. Tinha de (...) ser feito, ah! sim, isso sim! De qualquer maneira, sim! Ele não podia tolerar que pudéssemos deixar o trabalho e voltar para casa tranquilamente; isso era válido para todas as pessoas que trabalhavam na empresa. Mas bom, no extremo limite, até podemos compreendê-lo. (...) Trabalhávamos muito, mas enfim isso era o trabalho, era o comportamento. Houve alguns que chegaram a ser maltratados, horrível, horrível... digo que ouvi caras serem tratados como se fossem uns coitados, caras que tinham sob suas ordens 300 ou 400 pessoas, ou seja, diretores de fábrica. E depois ele dava-lhes esse tratamento à frente de qualquer pessoa, não era a sós, mas diante de todo o mundo! Tínhamos contratado uma faxineira: quando chegava ao escritório de manhã, era chamada por interfone. A pobre moça dizia-me: “Senhora Corinne, vou ser obrigada a ir embora;

que quer pular em cima do carpete". Era esse gênero de homem, são homens... como lhe digo, são potentados, são homens que montam uma empresa e a empresa se confunde com eles. E é verdade, eu dizia para comigo: "Se você estivesse no lugar de um cara assim, o que é que teria feito?" É verdade que, no plano do trabalho, eu teria sido feroz. Ele era feroz. Não há outra palavra. Se ele tivesse conseguido levar-nos a trabalhar à noite, ele nos teria obrigado a trabalhar à noite. Isso é verdade, era algo de assustador... não era possível ficar... sem fazer nada. Mas isso faz parte do jogo que aceito porque, digo-lhe, se isso estivesse à minha conta, eu teria feito igual. Mas fora disso, há mesmo assim um limite. Aí, não havia nenhum. E creio que... (...) Mas estou me lembrando que todo o mundo o chamava pinto de zinco...

- Como assim?

Corinne - Pinto de zinco é para dizer que... não havia outras palavras. Não se podia agradar a esse homem, não era possível... (...) mas não é compreensível como esse homem podia ser tão ríspido. Ele chegava, se o escritório não estivesse bem arrumado, jogava tudo no chão; creio que quando nos tornamos um pouco poderosos e que não temos costas suficientemente largas para suportar tal peso,

tornamo-nos (...) e não sei como ele acabará um destes dias. Mas ao lado disso era generoso, mas não para todo o mundo... não para todo o mundo. E depois, tratava-se de paternalismo. Ele tinha necessidade disso... é bastante difícil trabalhar dessa forma: ficamos marcados para o resto da vida. Aliás, ficamos um pouco malvados porque para andar, durante anos, sempre de pé atrás acabamos por nos tornar malvados e desconfiados. Quanto a mim, depois... quando cheguei aqui, eu estava bastante espantada. Eu mantinha uma certa desconfiança e achava que as pessoas eram demasiado amáveis. Não estava acostumada com essa atitude. Na indústria, não é possível fazer favores, até mesmo entre colegas... na indústria, o clima é muito difícil, não tem nada a ver com... porque existe emulação, é preciso fazer melhor do que o outro. Enquanto aqui, não; isso não existe, aqui...

- Não, isso não existe no meio...

Corinne - Absolutamente! Não é preciso brigar para ser promovido...

- Todos têm um trabalho para fazer...

Corinne - Isso mesmo, um trabalho bem determinado. Ficamos sempre... acaba sendo um pouco tristonho, é isso.

Julho de 1992